

DINÂMICA COMPENSATÓRIA NO TURISMO: EFEITOS DA RESTRIÇÃO DE MOBILIDADE NOS DETERMINANTES PSICOSSOCIAIS NA PANDEMIA DA COVID-19

ACOMPENSATORY DYNAMICS IN TOURISM: EFFECTS OF MOBILITY RESTRICTIONS ON PSYCHOSOCIAL DETERMINANTS DURING THE COVID-19 PANDEMIC

DINÁMICA COMPENSATORIA EN EL TURISMO: EFECTOS DE LAS RESTRICCIONES DE MOVILIDAD SOBRE LOS DETERMINANTES PSICOSOCIALES DURANTE LA PANDEMIA DE COVID-19

Eduardo Teixeira Magalhães¹(edu.magalhaes7@outlook.com) 
Marlusa de Sevilha Gosling¹ (mg.ufmg@gmail.com) 

¹Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, MG, Brasil

RESUMO:

Objetivo – Investigar os efeitos da Restrição à Experiência Turística sobre o desejo de viajar (*travel craving*), o risco percebido à saúde, o bem-estar subjetivo e a intenção de viajar em contexto pandêmico de restrição prolongada da mobilidade.

Desenho/metodologia/abordagem – Estudo quantitativo, transversal e descritivo-explicativo, realizado por meio de *survey online* com turistas habituais. Os dados foram analisados por Análise Fatorial Confirmatória e Modelagem de Equações Estruturais.

Resultados – A Restrição à Experiência Turística intensificou o desejo de viajar e o risco percebido à saúde, sem efeito direto significativo sobre o bem-estar subjetivo. Contrariamente ao esperado pela literatura, o risco percebido à saúde apresentou efeitos positivos sobre o bem-estar subjetivo e a intenção de viajar, enquanto o bem-estar exerceu efeito negativo sobre a intenção de viajar, sugerindo dinâmica compensatória associada à restauração emocional e à retomada da normalidade cotidiana.

Implicações práticas – Os achados indicam que respostas turísticas em contextos de crise dependem não apenas da redução objetiva do risco, mas também da forma como restrições, desejos e estados subjetivos são experienciados pelos turistas, oferecendo subsídios para gestão de destinos e políticas públicas.

Originalidade/valor – O estudo contribui ao compreender a Restrição à Experiência Turística como fenômeno contextual associado à privação prolongada da mobilidade turística, integrando bem-estar subjetivo, *travel craving* e risco percebido à saúde em um único modelo explicativo.

Limitações da pesquisa – As limitações incluem o delineamento transversal, o contexto específico da pandemia da covid-19, a não sustentação da estrutura multidimensional do risco percebido à saúde e a confiabilidade mais modesta do construto Intenção de Viajar.

Palavras-chave: Restrição da experiência turística; Desejo de viajar; Risco percebido à saúde; Bem-estar subjetivo; Intenção de viajar.

Informações Editoriais:

Double Blind Review

Submissão: 15/04/2025

Avaliação: 15/05/2026

Aceite: 07/05/2026

Editor:

Luiz Carlos da Silva Flores

Assistente Editorial:

Valônia de Araújo Oliveira

Disponibilidade dos dados:

Os dados estão disponíveis no corpo do artigo. Os dados podem ser solicitados aos autores.

ABSTRACT

Purpose: To investigate the effects of Tourism Experience Restriction on travel craving, perceived health risk, subjective well-being, and travel intention in a pandemic context marked by prolonged mobility restrictions.

Design/methodology/approach: This quantitative, cross-sectional, and descriptive-explanatory study was conducted through an online survey with habitual tourists. Data were analyzed using Confirmatory Factor Analysis and Structural Equation Modeling.

Findings: Tourism Experience Restriction intensified travel craving and perceived health risk, with no significant direct effect on subjective well-being. Contrary to previous literature, perceived health risk showed positive effects on subjective well-being and travel intention, while subjective well-being negatively affected travel intention, suggesting a compensatory dynamic associated with emotional restoration and the symbolic resumption of everyday normality.

Practical implications: The findings indicate that tourism responses in crisis contexts depend not only on the objective reduction of risk, but also on how restrictions, desires, and subjective states are experienced by tourists, providing insights for destination management and public policy.

Originality/value: The study contributes by understanding Tourism Experience Restriction as a contextual phenomenon associated with prolonged deprivation of tourist mobility, integrating subjective well-being, travel craving, and perceived health risk into a single explanatory model.

Research limitations/implications: Limitations include the cross-sectional design, the specific context of the Covid-19 pandemic, the lack of empirical support for the multidimensional structure of perceived health risk, and the more modest reliability of the Travel Intention construct.

Keywords: restriction of the tourism experience; travel desire; perceived health risk; subjective well-being; travel intention.

RESUMEN

Objetivo: Investigar los efectos de la Restricción de la Experiencia Turística sobre el deseo de viajar (*travel craving*), el riesgo percibido para la salud, el bienestar subjetivo y la intención de viajar en un contexto pandémico marcado por restricciones prolongadas de movilidad.

Diseño/metodología/enfoque: Estudio cuantitativo, transversal y descriptivo-explicativo, realizado mediante una encuesta en línea con turistas habituales. Los datos fueron analizados mediante Análisis Factorial Confirmatorio y Modelado de Ecuaciones Estructurales.

Resultados: La Restricción de la Experiencia Turística intensificó el deseo de viajar y el riesgo percibido para la salud, sin afectar directamente el bienestar subjetivo. El riesgo percibido influyó positivamente en el bienestar y en la intención de viajar, mientras que el bienestar subjetivo redujo la intención de viaje, sugiriendo una dinámica compensatoria vinculada a la restauración emocional y al retorno a la normalidad cotidiana.

Implicaciones prácticas: Los hallazgos indican que las respuestas turísticas en contextos de crisis dependen no solo de la reducción objetiva del riesgo, sino también de la forma en que las restricciones, los deseos y los estados subjetivos son experimentados por los turistas, ofreciendo aportes para la gestión de destinos y las políticas públicas.

Originalidad/valor: El estudio contribuye a comprender la Restricción de la Experiencia Turística como un fenómeno contextual asociado a la privación prolongada de la movilidad turística, integrando bienestar subjetivo, *travel craving* y riesgo percibido para la salud en un único modelo explicativo.

Limitaciones de la investigación: Las limitaciones incluyen el diseño transversal, el contexto específico de la pandemia de covid-19, la falta de sustentación empírica de la estructura multidimensional del riesgo percibido para la salud y la confiabilidad más modesta del constructo Intención de Viajar.

Palabras clave: restricción de la experiencia turística; ansia de viajar; riesgo percibido para la salud; bienestar subjetivo; intención de viajar.

INTRODUÇÃO

O turismo é reconhecido como prática social associada ao bem-estar individual e coletivo por envolver experiências de prazer, socialização e ruptura da rotina cotidiana. Sob a perspectiva do bem-estar subjetivo, a experiência turística ocupa papel central ao articular emoções positivas, satisfação com a vida e percepção de qualidade de vida (Uysal et al., 2016; McCabe & Johnson, 2013; Knobloch et al., 2017; Vada et al., 2020; Jordan et al., 2019). Nessa perspectiva, viajar constitui experiência associada à promoção da saúde mental, emocional e relacional dos indivíduos (Buckley, 2020; Jepson et al., 2019; Liu et al., 2023; McLean et al., 2023; Lin et al., 2025; Lin et al., 2024; Lin & Li, 2024; Vento et al., 2020; Peng et al., 2025; Avecillas-Torres et al., 2025).

Apesar desse potencial, o turismo apresenta elevada vulnerabilidade a crises econômicas, políticas, ambientais e sanitárias (Khalid et al., 2020; Rosselló et al., 2020; Barbhuiya & Chatterjee, 2020; Tomczewska-Popowycz & Quirini-Popławski, 2021).

Tais crises comprometem a mobilidade turística e transformam percepções de segurança, normalidade e comportamento dos turistas (Yang & Wong, 2020; Zhang et al., 2021; Li et al., 2020; Yang et al., 2021; Liu et al., 2023; Lin et al., 2021; Kruczek et al., 2023). Eventos como SARS, Ebola e, mais recentemente, a covid-19 interromperam fluxos turísticos, restringiram a mobilidade e alteraram padrões de comportamento de turistas (Sio-Chong & So, 2020; Jin et al., 2019; Gao et al., 2022; Xiong & Tang, 2023; Gössling et al., 2020).

Embora estudos anteriores tenham analisado os impactos das crises sobre o turismo, permanecem limitadas as investigações sobre como restrições prolongadas da mobilidade afetam estados subjetivos e respostas comportamentais associadas à experiência turística (Kim et al., 2021; Chua et al., 2021; Han et al., 2022; Bratić et al., 2021; Golets et al., 2020; Rahman et al., 2021; Airak et al., 2023).

Predominam estudos centrados na demanda, imagem dos destinos e intenção de viagem, com menor atenção à dinâmica integrada entre bem-estar subjetivo, desejo de viajar, percepção de risco e intenção futura de viagem em contextos de restrição e retomada da mobilidade turística (Irimiás & Mitev, 2021; Farmaki, 2020; Rokni, 2021; Yang & Wong, 2020; Chen et al., 2025). Revisões recentes reforçam essa lacuna ao indicar limitações na compreensão integrada dos efeitos psicossociais associados à privação prolongada da experiência turística (Irimiás & Mitev, 2021; Farmaki, 2020; Rokni, 2021; Yang & Wong, 2020; Chen et al., 2025).

Assim, permanece insuficientemente compreendido como restrições prolongadas da mobilidade afetam simultaneamente o estado psicossocial e as disposições comportamentais para viajar em turistas habituais expostos a contextos recorrentes de crise.

Logo, a Restrição à Experiência Turística é compreendida como limitação de viagens desejadas ou habituais em decorrência de fatores externos, configurando fenômeno contextual associado à privação da mobilidade turística e a respostas emocionais, perceptivas e comportamentais dos turistas. Diante desse cenário, o presente estudo busca responder ao seguinte problema de pesquisa: como a Restrição à Experiência Turística influencia o bem-estar subjetivo, o desejo de viajar, o risco percebido à saúde e a intenção de viagem em turistas habituais?

Para responder a essa questão, o estudo investiga os efeitos da Restrição à Experiência Turística sobre esses construtos em contexto pandêmico de restrição prolongada da mobilidade turística (Shin et al., 2021; Sánchez-Cañizares et al., 2020; Joo et al., 2021; Chan, 2021; Hanafiah et al., 2021; Bratić et al., 2021; Perić et al., 2021; Jiang et al., 2022; Liu et al., 2021).

A principal contribuição do estudo consiste em ampliar a compreensão dos mecanismos emocionais, perceptivos e comportamentais associados à privação da experiência turística em contextos de crise.

REVISÃO TEÓRICA

Restrição à Experiência Turística, Bem-Estar Subjetivo e Intenção de Viajar

A experiência turística contribui consistentemente para o bem-estar subjetivo, à medida que integra dimensões hedônicas e eudaimônicas associadas à recuperação emocional, ao fortalecimento de recursos psicológicos, às relações sociais e ao sentido de vida (McCabe & Johnson, 2013; Chen et al., 2016; Gao & Kerstetter, 2018; Gao et al., 2024). Evidências recentes indicam, ainda, que viagens favorecem processos de regulação emocional, construção identitária e restauração psicológica, especialmente em contextos de vulnerabilidade social e de saúde mental (Gao & Kerstetter, 2018; Gao et al., 2024; Gao et al., 2025).

Assim, períodos prolongados de restrição ou ausência de viagens comprometem processos de recuperação emocional e social, intensificando frustração, ansiedade e estados emocionais negativos, sobretudo entre indivíduos que atribuem elevado valor subjetivo às viagens (Chen et al., 2016; Chen et al., 2019; Gao & Kerstetter, 2016). Restrições prolongadas à experiência turística comprometem mecanismos psicológicos vinculados ao bem-estar subjetivo, porque reduzem percepções de autonomia, liberdade, lazer e restauração emocional. Segundo a *Restoration Theory*, experiências turísticas funcionam como mecanismos de recuperação psicológica e recomposição emocional; portanto, a interrupção prolongada dessas experiências tende a comprometer recursos subjetivos associados ao bem-estar e à percepção de qualidade de vida (Kaplan & Kaplan, 1989).

A literatura sobre restrições à experiência turística organiza esses fatores em três categorias centrais: intrapessoais, interpessoais e estruturais (Aziz & Long, 2021; Hefny, 2023; Melian, 2025). Restrições intrapessoais referem-se a fatores internos, psicológicos ou de saúde, como medo, ansiedade e emoções negativas (Nigg et al., 2024; Hu et al., 2024; Zheng et al., 2017). Restrições interpessoais envolvem dificuldades relacionadas a outras pessoas, como ausência de

companhia, conflitos familiares e estigmas sociais (Humagain & Singleton, 2021; Mckercher & Darcy, 2018; Seyfi et al., 2024). Já restrições estruturais correspondem a condições externas e contextuais, como custo, tempo, acessibilidade, regulamentações, infraestrutura deficiente e riscos associados a crises sanitárias e sociopolíticas (Nyaupane & Andereck, 2008; Aziz & Long, 2021; Hefny, 2023). Neste estudo, a restrição à experiência turística é compreendida sob a perspectiva das restrições estruturais, porque envolve fatores externos e contextuais que limitam a possibilidade de viajar. Portanto, a pandemia da covid-19 constitui o contexto empírico das restrições analisadas.

No contexto da pandemia da covid-19, estudos brasileiros demonstraram que restrições de mobilidade alteraram significativamente a dinâmica do turismo, a organização territorial da atividade e o comportamento dos turistas, produzindo impactos sobre expectativas, emoções e intenções de viagem (Cifelli, 2022; Silva et al., 2022; Oliveira et al., 2023). Esses achados indicam que crises sanitárias reorganizam não apenas fluxos turísticos e padrões de mobilidade, mas também mecanismos subjetivos que sustentam a experiência turística e orientam decisões futuras de viagem.

Embora parte da literatura tenha priorizado impactos econômicos e operacionais das crises no turismo, revisões recentes indicam que permanecem limitadas investigações voltadas aos efeitos psicológicos da impossibilidade de viajar, especialmente no que se refere ao bem-estar subjetivo e às respostas emocionais associadas à privação da experiência turística (Farmaki, 2020; Rokni, 2021). Além disso, a literatura sugere que viagens funcionam como estratégia compensatória de restauração do bem-estar; portanto, níveis reduzidos de bem-estar subjetivo podem intensificar motivações e intenções futuras de viajar em contextos de restrição prolongada (Chen et al., 2016; Chen et al., 2019; Gao & Kerstetter, 2018).

Consequentemente, a intenção futura de viajar representa não apenas resposta comportamental racional, mas também tentativa de restabelecer estados emocionais e experiências subjetivas interrompidas pelas restrições contextuais. Assim, o estudo desloca o foco analítico das crises compreendidas exclusivamente como eventos operacionais e propõe interpretá-las como fenômenos subjetivamente experienciados pelos turistas. Com base nesses argumentos, formulam-se as seguintes hipóteses:

H1: A restrição à experiência turística influencia negativamente o bem-estar subjetivo em níveis reduzidos.

H2: Níveis reduzidos de bem-estar subjetivo tendem a estar associados a maior intenção de viajar em contextos de restrição prolongada da mobilidade turística.

Restrição à Experiência Turística, Desejo de Viajar e Intenção de Viagem

No turismo e no comportamento do consumidor, o desejo de viajar é reconhecido como antecedente psicológico central da intenção de viagem, especialmente em modelos orientados a objetivos, como a arquitetura *Belief–Desire–Intention* (BDI). Nessa perspectiva, o desejo atua como elo motivacional entre crenças, atitudes e emoções antecipadas, convertendo avaliações cognitivas e afetivas em disposição para agir (Nguyen & Tong, 2022; Kim & Ha, 2023).

Evidências empíricas indicam consistentemente que o desejo de viajar exerce efeito positivo e direto sobre a intenção de viagem em diferentes contextos turísticos, incluindo ambientes mediados por conteúdo gerado por usuários, escolhas de destinos e decisões de participação em atividades turísticas (Nguyen & Tong, 2022). Em cenários marcados por risco e incerteza, como a pandemia da covid-19, o desejo mostrou-se uma das variáveis psicológicas mais robustas para explicar intenções futuras de viajar, mesmo quando o comportamento efetivo permaneceu temporariamente restringido (Kim & Ha, 2023; Cao et al., 2020; Matiza & Köchling, 2023).

Neste estudo, o desejo de viajar é compreendido como resposta psicológica intensificada pela privação temporária da experiência turística. Essa perspectiva aproxima-se do conceito de *travel craving*, definido como estado persistente de desejo associado à impossibilidade de realizar viagens desejadas ou habituais (Irimiás & Mitev, 2021). Diferentemente de abordagens centradas exclusivamente em motivação turística, o conceito enfatiza dimensões emocionais relacionadas à frustração, à privação e à antecipação da experiência futura.

A relação entre restrição à experiência turística e desejo de viajar indica que interrupções prolongadas da mobilidade turística podem gerar tensões psicológicas e ruptura da normalidade cotidiana, intensificando desejos latentes relacionados ao lazer e à mobilidade (Yang et al., 2021; Foliano et al., 2023; Takizawa et al., 2025). A privação prolongada da experiência turística pode intensificar o desejo de viajar, porque transforma a viagem em objeto de compensação emocional, restauração simbólica da normalidade cotidiana e recuperação da autonomia percebida. Segundo a *Psychological Reactance*, limitações externas à liberdade de deslocamento tendem a aumentar o valor subjetivo atribuído

à experiência restringida, intensificando o desejo de retomá-la futuramente (Brehm, 1966).

Estudos brasileiros realizados durante a pandemia também identificaram alterações relevantes na intenção de viagem e no comportamento do consumidor turístico em decorrência das restrições sanitárias e das mudanças na percepção de segurança (Oliveira et al., 2023; Golets et al., 2020).

Assim, embora percepções elevadas de risco possam reduzir o desejo de viajar em determinados contextos, restrições prolongadas da experiência turística podem intensificar o desejo concebido como *travel craving* (Irimiás & Mitev, 2021). Logo, o desejo de viajar deixa de representar apenas motivação turística e passa a assumir função psicológica relacionada à compensação emocional e à expectativa de retomada da experiência perdida. Com base nesses argumentos, formulam-se as seguintes hipóteses:

H3: A restrição à experiência turística tende a intensificar o desejo de viajar.

H4: O desejo de viajar tende a influenciar positivamente a intenção de viajar.

Restrição à Experiência Turística, Risco Percebido à Saúde e Intenção de Viajar

Em contextos de crises sanitárias, o risco percebido à saúde assume papel central na avaliação de comportamentos associados à mobilidade e às viagens. A literatura define o risco percebido como construto multidimensional relacionado à avaliação subjetiva de incertezas e consequências negativas associadas a determinado comportamento ou decisão (Ferrer et al., 2018; Godovykh et al., 2021). No turismo, essa percepção envolve avaliações cognitivas e afetivas sobre ameaça, severidade, controle percebido, vulnerabilidade e conhecimento sobre o risco (Ferrer et al., 2018; Yin & Lui, 2024).

A literatura indica que crises sanitárias e medidas de contenção intensificam a saliência dos riscos à saúde no ato de viajar, reconfigurando percepções de segurança e aceitabilidade do deslocamento turístico (Godovykh et al., 2021). Estudos sobre mobilidade e transporte demonstram que restrições severas e elevada gravidade objetiva das crises reduzem significativamente deslocamentos voluntários e viagens de lazer (Barbieri et al., 2021; Chan et al., 2020).

No contexto brasileiro, pesquisas recentes identificaram que medo da contaminação, intolerância à incerteza e percepções de risco influenciaram diretamente a intenção de visitar destinos turísticos e consumir serviços relacionados ao turismo durante a pandemia da covid-19 (Golets et al., 2020; Santos et al., 2024; Hakim et al., 2021). Estudos sobre comportamento de mobilidade também apontaram alterações significativas nos padrões de deslocamento e resiliência comportamental durante o período pandêmico (Ciriaco et al., 2023).

No que se refere às consequências comportamentais, há evidência robusta de que níveis elevados de risco percebido à saúde reduzem a intenção de viajar. Estudos indicam que severidade percebida da covid-19, probabilidade de infecção e duração esperada da pandemia predizem negativamente intenções de viagem em diferentes contextos nacionais (Golets et al., 2020; Chua et al., 2021; Sánchez-Cañizares et al., 2020; Abraham et al., 2020). Ademais, níveis elevados de ameaça percebida intensificam comportamentos autoprotetivos, reduzindo a disposição para viajar (Zhang et al., 2025). Esses resultados sugerem que o risco percebido atua não apenas como avaliação cognitiva de ameaça, mas também como mecanismo regulador de decisões comportamentais em cenários de elevada incerteza sanitária. Com base nesses argumentos, formulam-se as seguintes hipóteses:

H5: A restrição à experiência turística tende a intensificar o risco percebido à saúde.

H6: O risco percebido à saúde é composto pelas dimensões ameaça, potencial catastrófico, controle e conhecimento.

H7: Níveis elevados de risco percebido à saúde tendem a reduzir a intenção de viajar em contextos de crise sanitária.

Desejo de Viajar, Risco Percebido à Saúde e Bem-Estar Subjetivo

A literatura demonstra consistentemente que restrições severas à mobilidade e elevados níveis de risco percebido à saúde associam-se à deterioração do bem-estar subjetivo, expressa pelo aumento de ansiedade, sofrimento psicológico e sintomas depressivos, bem como pela redução da satisfação com a vida (Benke et al., 2020; Fiorenzato et al., 2021; Podlesek et al., 2021; Bonati et al., 2022; Costa-Font & Vilaplana-Prieto, 2022).

No turismo, esses efeitos intensificam-se quando a impossibilidade de viajar é percebida como perda prolongada de liberdade, lazer e restauração emocional. Nesse contexto, o desejo de viajar pode assumir caráter ambivalente: embora

represente expectativa positiva de retomada da experiência turística, também pode gerar frustração e sofrimento quando continuamente inviabilizado.

Estudos longitudinais indicam que, em condições normais, a motivação para viajar não exerce efeito estável sobre emoções ao longo do tempo, sugerindo que o simples desejo de viajar não determina, por si só, o bem-estar afetivo (Lin & Nawijn, 2020). Entretanto, em contextos de restrição prolongada, o desejo pode configurar estado cognitivo-emocional marcado pela percepção de perda e impossibilidade de satisfação, produzindo efeitos negativos sobre o bem-estar subjetivo (Mitev & Irimiás, 2021; Støre et al., 2025).

Segundo mecanismos compensatórios de *Self-Regulation*, a impossibilidade persistente de satisfazer o desejo de viajar pode intensificar sentimentos de frustração e perda subjetiva, comprometendo temporariamente o equilíbrio emocional dos indivíduos (Carver & Scheier, 2001; Baumeister & Vohs, 2007). Pesquisas brasileiras também sugerem que cenários de instabilidade sanitária e restrição da mobilidade produziram mudanças emocionais e comportamentais relevantes entre consumidores turísticos, reforçando a importância de compreender os efeitos subjetivos das crises sobre o comportamento dos turistas (Silva et al., 2022; Oliveira et al., 2023).

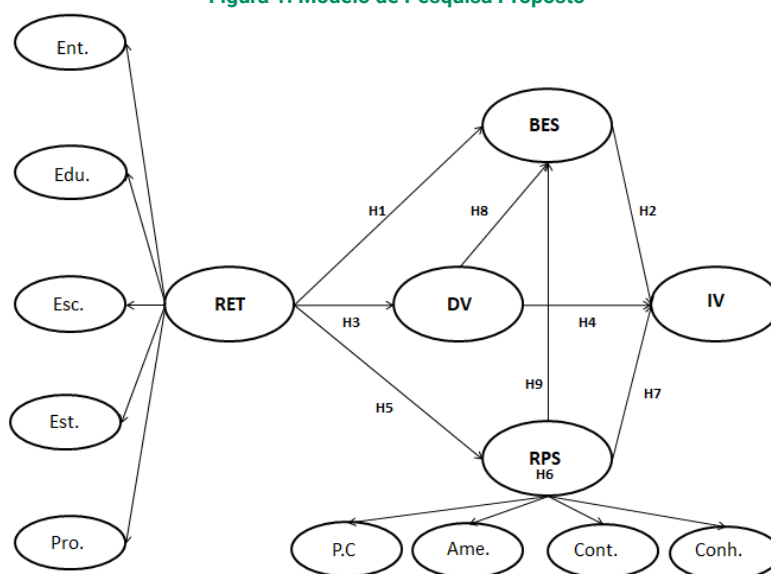
Assim, embora parte da literatura sugira efeitos negativos associados à frustração da experiência turística, o desejo de viajar também pode operar como mecanismo psicológico de esperança, antecipação positiva e restauração emocional em contextos de restrição prolongada da mobilidade. Dessa forma, a relação entre desejo de viajar e bem-estar subjetivo mostra-se teoricamente ambivalente e dependente do contexto experienciado pelos indivíduos. Com base nesses argumentos, formulam-se as seguintes hipóteses:

H8: O desejo de viajar influencia o bem-estar subjetivo em contextos de restrição à experiência turística.

H9: Níveis elevados de risco percebido à saúde tendem a influenciar negativamente o bem-estar subjetivo em contextos de crise sanitária.

Portanto, apresenta-se, a seguir, o modelo de hipóteses proposto e as principais relações testadas, conforme ilustrado na Figura 1.

Figura 1: Modelo de Pesquisa Proposto



Fonte: elaborado pelos autores (2026).

A construção teórica proposta interpreta a restrição à experiência turística como fenômeno subjetivamente experienciado pelos turistas. Assim, o estudo integra dimensões emocionais, cognitivas e comportamentais frequentemente analisadas de forma isolada, ampliando a compreensão do comportamento turístico em contextos de crise e recuperação.

METODOLOGIA

Este estudo adotou abordagem quantitativa, com delineamento transversal e caráter descritivo-explicativo, operacionalizado por meio de *survey online*. A adoção desse delineamento é coerente com estudos explicativos em turismo e comportamento do consumidor que buscam examinar relações entre construtos latentes por meio de modelagem estatística, especialmente em investigações voltadas à percepção, experiência e comportamento do turista (Hair et al., 2014). A população-alvo compreendeu indivíduos maiores de 18 anos que relataram realizar viagens turísticas com frequência mínima anual, caracterizando turistas com hábito de viagem.

Diante da inexistência de um marco amostral que permitisse seleção probabilística, adotou-se amostragem não probabilística por conveniência, estratégia recorrente em pesquisas em turismo e comportamento do consumidor, sobretudo em estudos realizados em ambiente digital e com foco exploratório-explicativo (Babbie, 2003). A opção por esse procedimento decorreu da impossibilidade de acesso a uma listagem completa da população-alvo e da necessidade de alcance amplo e rápido dos participantes em ambiente online.

O tamanho mínimo da amostra foi estimado no *software* G*Power, considerando nível de significância de 5%, poder estatístico de 0,95 e tamanho de efeito médio, resultando em estimativa mínima de 119 respondentes. Embora o cálculo *a priori* tenha indicado suficiência amostral mínima, a amostra efetivamente obtida reuniu 438 casos válidos, número substancialmente superior ao parâmetro estimado e adequado para análises multivariadas e Modelagem de Equações Estruturais, garantindo estabilidade dos parâmetros e robustez estatística das estimativas (Hair et al., 2014; Kline, 2023; Ringle, da Silva & de Souza Bido, 2014). Além disso, a razão entre o número de respondentes e os parâmetros estimados atende aos critérios recomendados pela literatura para modelos com variáveis latentes e estimação robusta.

Os dados foram coletados por questionário estruturado em formato eletrônico. O instrumento foi construído a partir de escalas previamente validadas na literatura nacional e internacional sobre comportamento do consumidor, experiência turística e hospitalidade percebida. As escalas originais passaram por adaptação semântica e adequação contextual ao objetivo do estudo. Quando necessário, os itens foram traduzidos para o português com revisão de equivalência linguística e conceitual. O questionário final foi organizado em blocos correspondentes aos construtos investigados, compostos por itens mensurados em escala tipo Likert de 11 pontos. A descrição dos construtos, o número de itens e as referências das escalas utilizadas encontram-se apresentados no Quadro 1.

Quadro 1 - Instrumento de Pesquisa

Construto	Código	Item/Indicadores adaptados	Fonte da escala
Restrição à Experiência Turística (RET) – Entretenimento	RET_SFNC	Sente falta de conhecer novos hábitos culturais	Pezzi e Vianna (2015)
	RET_SFNC	Eu sinto falta da diversão nas atividades turísticas (passeios)	
	RET_SFNC	Sente falta da diversão da viagem	
	RET_SFNC	Sente falta do entretenimento	
	RET_SFNC	Sente falta da sensação de pertencimento	
Restrição à Experiência Turística (RET) – Educação	RET_SFNC	Sente falta de adquirir novos conhecimentos	
	RET_SFNC	Sente falta de aprender coisas novas	
	RET_SFNC	Sente falta de melhorar algumas de suas habilidades	
	RET_SFNC	Sente falta de aprender sobre si mesmo(a)	
	RET_SFNC	Sente falta de estar em outro papel ou como outra pessoa	
Restrição à Experiência Turística (RET) – Escapismo	RET_SFNC	Sente falta de vivenciar o que não é cotidiano	
	RET_SFNC	Sente falta de fugir da realidade	
	RET_SFNC	Sente falta de ter tempo livre	
	RET_SFNC	Sente falta de apreciar o visual do destino turístico	
	RET_SFNC	Sente falta de apreciar a arquitetura local	
Restrição à Experiência Turística (RET) – Estética	RET_SFNC	Sente falta de usufruir de cenário harmonioso no destino turístico	
	RET_SFNC	Sente falta de empolgar-se com as decisões sobre a viagem, tais como o destino, o meio de deslocamento, a hospedagem.	
	RET_SFNC	Sente falta de planejar o roteiro/passeios da viagem	
	RET_SFNC	Sente falta de aproveitar os aspectos de deslocamento de viagem (por exemplo, a paisagem nas estradas ou espera no aeroporto ou estação de trem).	
	RET_SFNC	Sente falta da expectativa positiva provocada por tudo relacionado à viagem	
Restrição à Experiência Turística (RET) – Processo	RET_SFNC	Penso frequentemente em viajar.	Pesquisa qualitativa
	RET_SFNC	A ideia de viajar me faz sentir bem	
	RET_SFNC	Tenho um forte desejo de viajar	
	RET_SFNC	Passo muito tempo pensando em viajar	
	RET_SFNC	Tem sido difícil resistir à vontade de viajar	
Desejo de Viajar (DV)	BES_EGCPF	Em geral, considero-me uma pessoa feliz	Mitev e Irimiás (2021)
	BES_EGCPF	Em comparação aos meus familiares e amigos, considero-me uma pessoa feliz	
	BES_EGCPF	Considero-me uma pessoa feliz que aproveita a vida independentemente do que está acontecendo.	
	BES_EGCPF	Sente-se contente	
	BES_EGCPF	Tem uma vida cotidiana interessante	
Bem-Estar Subjetivo (BES) - Cognitivo	BES_EGCPF	Sente-se em paz	Veit e Ware (1983)
	BES_EGCPF	Sente-se animado(a)	
	BES_EGCPF	Sente-se des preocupado(a)	
	BES_EGCPF	Sente-se relaxado(a), livre de tensões	
	BES_EGCPF	Sente-se vivendo uma aventura maravilhosa	
Bem-Estar Subjetivo (BES) – Afetos Positivos	BES_EGCPF	Acorda descansado(a)	Aragónés, Talayero e Olivos (2010)
	RPS_PVSC	A covid-19 pode ser considerada uma catástrofe	
	RPS_PVSC	A covid-19 pode ter consequências fatais para as pessoas infectadas	
	RPS_PVSC	A covid-19 representa um risco que ameaça gerações futuras	
	RPS_PVSC	A covid-19 mata muitas pessoas de uma vez.	
Risco Percebido à Saúde – Poder Catastrófico	RPS_PVSC	De forma geral, as pessoas temem muito a covid-19.	Pesquisa qualitativa
	RPS_PVSC	O risco associado ao vírus da covid-19 não está diminuindo.	
	RPS_PVSC	Eventos que levam pessoas a correrem o risco de contrair covid-19 podem ser evitados.	
	RPS_PVSC	Os meios pelos quais esta doença é transmitida são reconhecíveis.	
	RPS_PVSC	Não é fácil reduzir o risco de contrair covid-19.	
Risco Percebido à Saúde – Ameaça	RPS_PVSC	As pessoas sabem claramente das consequências da covid-19.	
	RPS_PVSC	Após contrair covid-19, é possível que a pessoa evite a morte, caso se cuide bem.	
	RPS_PVSC	Continuará sem viajar para lugar nenhum	
	RPS_PVSC	Está planejando novas viagens para breve	
	RPS_PVSC	Pretende viajar somente para lugares próximos	
Risco Percebido à Saúde – Controle	RPS_PVSC	Pretende continuar viajando somente com pessoas conhecidas e para destinos seguros	
	RPS_PVSC		
	RPS_PVSC		
	RPS_PVSC		
	RPS_PVSC		
Risco Percebido à Saúde – Conhecimento	RPS_PVSC		
	RPS_PVSC		
	RPS_PVSC		
	RPS_PVSC		
	RPS_PVSC		
Intenção de Viajar (IV)	RPS_PVSC		
	RPS_PVSC		
	RPS_PVSC		
	RPS_PVSC		
	RPS_PVSC		

Fonte: elaborado pelos autores (2026).

Antes da aplicação definitiva, o instrumento foi submetido à avaliação preliminar com respondentes pertencentes ao público-alvo, a fim de verificar clareza, compreensão e adequação semântica dos itens. A coleta de dados ocorreu entre os meses de julho e dezembro de 2021, por meio de divulgação do questionário eletrônico em redes sociais digitais, incluindo Instagram, WhatsApp, Facebook e LinkedIn, além de compartilhamento em grupos *online* relacionados a viagens e turismo. O recrutamento ocorreu de forma voluntária, por adesão espontânea dos participantes, mediante acesso ao *link* eletrônico do questionário disponibilizado nas plataformas digitais. Todos os participantes foram informados sobre os objetivos da pesquisa e registraram consentimento informado antes do preenchimento do instrumento.

Como a divulgação ocorreu predominantemente em redes de contato digitais e compartilhamentos em mídias sociais, reconhece-se a possibilidade de viés de seleção associado à amostragem por conveniência, especialmente quanto à predominância de indivíduos com maior acesso e familiaridade com ambientes digitais, o que pode limitar a generalização dos resultados. Embora não tenham sido identificados dados ausentes no banco final, essa condição decorre da configuração do formulário eletrônico, que exigia resposta obrigatória para todos os itens antes do envio do questionário. Não foram identificados dados duplicados.

Outliers univariados foram avaliados pelo escore Z ($|2,58|$), com 11 casos mantidos por não comprometerem a distribuição. *Outliers* multivariados foram examinados pela distância de Mahalanobis ajustada ($D^2/df \leq 3$), sem indicação de exclusão. Os testes de Kolmogorov-Smirnov e Shapiro-Wilk evidenciaram violação do pressuposto de normalidade.

A Análise Fatorial Confirmatória foi empregada para avaliar o modelo de mensuração, utilizando o método *Robust Diagonally Weighted Least Squares* (RDWLS). As relações entre os construtos foram testadas por meio da Modelagem de Equações Estruturais, com estimação *Weighted Least Squares Mean and Variance Adjusted* (WLSMV). Ambos os métodos são adequados para dados ordinais e não normalmente distribuídos (DiStefano & Morgan, 2014; Muthén & Muthén, 2017; Hair & Alamer, 2022).

O ajuste dos modelos foi avaliado pelos índices χ^2 , χ^2/gl , *Comparative Fit Index* (CFI), *Tucker-Lewis Index* (TLI), *Standardized Root Mean Square Residual* (SRMR) e *Root Mean Square Error of Approximation* (RMSEA), conforme critérios da literatura (Kline, 2023; Hair & Alamer, 2022). A confiabilidade foi verificada pelo alfa de Cronbach, ômega de McDonald e confiabilidade composta. A multicolinearidade foi avaliada pelo *Variance Inflation Factor* (VIF), enquanto a validade convergente e discriminante foi examinada pela Variância Média Extraída (VME) e pelo critério de Fornell e Larcker (1981), respectivamente.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Caracterização da Amostra

A amostra foi composta por 438 respondentes, com predominância do sexo feminino, jovens adultos entre 21 e 29 anos, indivíduos solteiros, sem filhos e com escolaridade de nível superior. A renda familiar apresentou maior dispersão entre as categorias analisadas (Tabela 1).

Tabela 1 - Caracterização Sociodemográfica da Amostra (n = 438)

Variável	Categoria	n	%
Sexo	Feminino	276	63,0
	Masculino	162	37,0
Faixa etária	18–20 anos	8	1,8
	21–29 anos	244	55,7
	30–39 anos	56	12,8
	40–49 anos	41	9,4
	50–59 anos	33	7,5
	60 anos ou mais	56	12,8
Estado civil	Solteiro(a)	325	74,2
	Casado(a)	95	21,7
	Divorciado(a)	10	2,3
	Viúvo(a)	4	0,9
	Separado(a)	4	0,9
Filhos	Não possui	356	81,3
	Filhos adultos	41	9,4
	Filhos pequenos	26	5,9
	Filhos adolescentes	15	3,4
Escolaridade	Ensino Fundamental	11	2,5
	Ensino Médio	87	19,9
	Graduação	240	54,8
	Pós-Graduação	100	22,8
Renda familiar	1–2 salários-mínimos	67	15,3
	2–3 salários-mínimos	162	37,0
	5–10 salários-mínimos	104	23,7
	10–20 salários-mínimos	79	18,0
	Acima de 20 salários-mínimos	26	5,9

Nota. Percentuais calculados com base no total da amostra válida (n = 438).

Fonte: elaborado pelos autores (2026).

Estatísticas Descritivas

A Tabela 2 apresenta as estatísticas descritivas das variáveis observadas que compõem os construtos do modelo teórico, incluindo média e desvio-padrão.

Tabela 2 - Estatísticas Descritivas dos Construtos e Variáveis Observadas

Construto	Variável	Média	Desvio-padrão
Restrição à Experiência Turística (RET)	RET_SFNHC	8,33	2,11
	RET_SFDAT	8,23	2,25
	RET_SFDV	8,24	2,45
	RET_SFE	8,15	2,42
	RET_SFSP	6,94	2,90
	RET_SFANC	7,12	2,87
	RET_SFACN	7,05	2,84
	RET_SFMAH	7,22	2,78
	RET_SFASSM	7,89	3,28
	RET_SFEOP	5,50	3,55
Desejo de Viajar (DV)	RET_SFVNC	8,43	2,31
	RET_SFFR	6,88	3,08
	DV_PFV	8,15	2,31
	DV_IVFSB	8,12	2,44
	DV_TFDV	6,53	2,91
	DV_PMTVPV	7,86	2,73
Bem-estar Subjetivo (BES)	DV_TSDRVV	7,84	2,55
	BES_EGCPF	8,41	2,02
	BES_CFACPF	8,12	2,19
	BES_CPFVIA	8,33	2,10
	BES_SSC	8,51	1,98
	BES_TVCI	8,44	2,07
	BES_SSP	8,29	2,15
	BES_SSA	8,66	1,92
	BES_SSD	7,92	2,36
	BES_SSRLT	4,37	2,89
Risco Percebido à Saúde (RPS)	BES_SSVAM	6,84	3,03
	BES_AD	7,10	2,58
	RPS_PVSC	7,83	2,35
	RPS_PCVPCSF	5,35	2,45
	RPS_PCSRGF	6,44	2,60
	RPS_CMMP	7,22	2,54
	RPS_EGPTC	6,46	2,25
	RPS_RACNED	4,98	2,75
	RPS_ELPCCPSE	7,95	2,16
	RPS_MDTSR	8,15	2,21
Intenção de Viajar (IV)	RPS_NFRRCC	4,45	2,98
	RPS_PSCCC	6,15	2,83
	RPS_ACCPEM	6,18	2,66
	IV_CSVPLN	3,78	3,12
	IV_EPNVB	7,36	2,85
	IV_PVSLP	6,44	3,28
	IV_PVSPCSPS	7,75	2,64

Fonte: elaborado pelos autores (2026).

As medidas permitem caracterizar o padrão das respostas e a variabilidade dos itens utilizados na modelagem de equações estruturais.

Avaliação do Modelo de Mensuração

Inicialmente, foi estimado um modelo de mensuração equivalente à estrutura exploratória definida no instrumento de pesquisa. Esse modelo inicial apresentou razão $\chi^2/\text{gl} = 1,81$ e índices de ajuste considerados adequados (CFI = 0,963; TLI = 0,961; RMSEA = 0,043; IC 90% = 0,040–0,046). Contudo, foram identificadas cargas fatoriais inferiores a 0,300 na dimensão Controle do construto *Risco Percebido à Saúde* (RPS), o que caracteriza parâmetros psicométricos não aceitáveis (Gouveia et al., 1995; Andriola & Cavalcante, 1999; Damásio, 2012; Valentini & Damásio, 2016).

Diante disso, os itens associados às dimensões Controle (RPS_ELPCCPSE, RPS_MDTSR, RPS_NFRRCC) e *Conhecimento* (RPS_PSCCC, RPS_ACCPEM), bem como o item RPS_EGPTC da dimensão *Ameaça*, foram gradativamente excluídos ao longo do processo de reespecificação do modelo. Adicionalmente, o item IV_PVSPCSPS, pertencente ao construto *Intenção de Viajar*, também foi removido em razão de sua baixa carga fatorial. Além disso, as dimensões *Poder Catastrófico* e *Ameaça* foram estatisticamente integradas, passando a representar um construto unifatorial denominado *Risco Percebido à Saúde*. Após essas modificações, uma nova rodada da AFC foi conduzida, resultando no Modelo 4, que apresentou melhora nos índices de ajuste global, conforme demonstrado na Tabela 3.

Tabela 3 - Índices de Ajuste do Modelo de Mensuração (AFC)

Modelo	χ^2 (gl)	χ^2 /gl	CFI	TLI	SRMR	RMSEA (IC 90%)
Modelo 4	830.837	1.14	0.995	0.995	0.055	0.018 (0.011–0.024)
Modelo 3	871.662	1.13	0.995	0.995	0.055	0.018 (0.011–0.024)
Modelo 2	946.365	1.17	0.993	0.993	0.056	0.020 (0.014–0.025)
Modelo 1	1477.564	1.66	0.974	0.972	0.067	0.039 (0.035–0.042)

Nota. χ^2 = qui-quadrado; gl = graus de liberdade; CFI = *Comparative Fit Index*; TLI = *Tucker–Lewis Index*; SRMR = *Standardized Root Mean Square Residual*; RMSEA = *Root Mean Square Error of Approximation*.

Fonte: elaborado pelos autores (2026).

De modo geral, os resultados indicam que o modelo de mensuração apresenta ajuste adequado aos dados, com índices dentro dos critérios recomendados na literatura.

Estrutura Fatorial e Cargas Fatoriais

A estrutura fatorial confirmatória apresentou cargas fatoriais estatisticamente significativas e, em sua maioria, elevadas, indicando adequada representação dos indicadores pelos construtos latentes do Modelo 4. Logo, a Tabela 4 apresenta a estrutura fatorial obtida na AFC reespecificada.

Tabela 4 - Estrutura Fatorial Confirmatória do Modelo de Mensuração

Construto	Dimensão	Indicador	Est.	EP	z	p	Est. pdr
RET	Entretenimento	RET_SFNNHC	0,672	0,093	7,247	< .001	0,682
		RET_SFNDAT	0,825	0,103	8,001	< .001	0,784
		RET_SFNDV	0,997	0,122	8,166	< .001	0,872
		RET_SFNE	0,977	0,114	8,587	< .001	0,867
	Educação	RET_SFNSP	1,207	0,138	8,739	< .001	0,774
		RET_SFNC	1,268	0,142	8,922	< .001	0,873
		RET_SFNCN	1,254	0,142	8,845	< .001	0,865
		RET_SFMAH	1,192	0,137	8,711	< .001	0,788
	Escapismo	RET_SFSSM	1,372	0,149	9,176	< .001	0,778
		RET_SFEOP	1,093	0,135	8,112	< .001	0,569
		RET_SFVNC	1,038	0,139	7,491	< .001	0,837
		RET_SFFR	1,127	0,135	8,328	< .001	0,676
	Processo e estética	RET_SFTL	0,755	0,098	7,731	< .001	0,648
		RET_SFAVD	0,888	0,104	8,508	< .001	0,831
		RET_SFAAL	0,943	0,105	9,025	< .001	0,797
		RET_SFUCHD	0,954	0,114	8,386	< .001	0,851
DV	—	RET_SFEDSV	1,011	0,114	8,900	< .001	0,813
		RET_SFPRV	1,032	0,114	9,036	< .001	0,809
		RET_SFAADV	0,964	0,122	7,889	< .001	0,747
		RET_SFEPRV	0,936	0,113	8,289	< .001	0,855
		DV_PV	1,251	0,094	13,268	< .001	0,756
		DV_IVFSB	1,772	0,105	16,913	< .001	0,757
		DV_TFDV	1,878	0,134	14,016	< .001	0,642
		DV_PMTVP	1,419	0,146	9,716	< .001	0,650
		DV_TSDRVV	1,046	0,116	9,043	< .001	0,509
		BES_EGCPF	1,478	0,099	14,916	< .001	0,809
		BES_CFACPF	1,451	0,119	12,223	< .001	0,696
		BES_CPFVIA	1,766	0,108	16,338	< .001	0,783
		BES_SSC	1,661	0,092	18,006	< .001	0,831
		BES_TVCI	1,891	0,105	18,041	< .001	0,782
		BES_SSP	1,934	0,100	19,282	< .001	0,821
BES_SSA		2,076	0,093	22,317	< .001	0,911	
Emocional	BES_SSD	2,222	0,106	20,964	< .001	0,753	
	BES_SSRLT	2,392	0,100	23,959	< .001	0,826	
	BES_SSVAM	2,442	0,111	22,035	< .001	0,807	
	BES_AD	2,163	0,122	17,727	< .001	0,729	
RPS	—	RPS_PVSC	1,454	0,123	11,800	< .001	0,619
		RPS_PCVPCSF	1,714	0,111	15,505	< .001	0,701
		RPS_PCSRGF	2,078	0,115	18,004	< .001	0,798
		RPS_CMMP	1,591	0,124	12,868	< .001	0,627
		RPS_RACNED	1,632	0,144	11,369	< .001	0,593
IV	—	IV_CSVPLN	3,002	0,320	9,386	< .001	0,963
		IV_EPNVB	1,185	0,175	6,788	< .001	0,415
		IV_PVSLP	1,334	0,222	6,016	< .001	0,407

Nota. RET = Restrição à Experiência Turística; DV = Desejo de Viajar; BES = Bem-estar Subjetivo; RPS = Risco Percebido à Saúde; IV = Intenção de Viajar; Est. = estimativa não padronizada; EP = erro-padrão; Est. pdr = carga fatorial padronizada.

Fonte: elaborado pelos autores (2026).

Confiabilidade Interna e Validade Convergente

A confiabilidade interna dos construtos foi avaliada por meio do alfa de Cronbach (α), do ômega de McDonald (ω) e da confiabilidade composta (CC). A validade convergente foi examinada pela variância média extraída (VME). Os resultados indicam níveis globalmente satisfatórios de consistência interna e validade convergente para os construtos do modelo de mensuração, conforme os critérios recomendados. A Tabela 5 apresenta os coeficientes de confiabilidade e os valores de VME do modelo de mensuração. A maioria dos construtos apresentou coeficientes de confiabilidade e validade convergente próximos ou superiores aos valores recomendados na literatura, indicando níveis aceitáveis de consistência interna e adequados à definição conceitual dos construtos.

Tabela 5 - Confiabilidade Interna e Validade Convergente dos Construtos

Construto	ω	α	CC	VME
ENT	0,892	0,879	0,879	0,648
EDU	0,910	0,911	0,909	0,667
ESC	0,739	0,743	0,741	0,494
PROEST	0,932	0,932	0,932	0,634
DV	0,792	0,796	0,799	0,448
COG	0,929	0,932	0,929	0,651
EMO	0,863	0,858	0,861	0,608
RPS	0,803	0,801	0,802	0,451
IV	0,612	0,547	0,674	0,547

Fonte: elaborado pelos autores (2026).

Destaca-se que o construto Intenção de Viajar apresentou indicadores de confiabilidade mais modestos, o que pode estar relacionado ao número reduzido de indicadores remanescentes após o processo de reespecificação do modelo. Ademais, os construtos *Risco Percebido à Saúde*, *Escapismo* e *Desejo de Viajar* apresentaram valores de *Variância Média Extraída* (VME) ligeiramente inferiores ao limiar clássico de 0,50. Ainda assim, conforme argumentam Fornell e Larcker (1981) e Hair et al. (2009), valores de VME ligeiramente inferiores a 0,50 podem ser considerados aceitáveis quando acompanhados de níveis adequados de confiabilidade composta e sustentação teórica consistente do construto.

Multicolinearidade

A possibilidade de multicolinearidade foi avaliada por meio do *Variance Inflation Factor* (VIF). Os valores observados permaneceram abaixo dos limiares críticos reportados na literatura (Pallant, 2010; Hair et al., 2019), indicando ausência de problemas de colinearidade entre os construtos do modelo.

Tabela 6 - Fator de Inflação da Variância (Variance Inflation Factor – VIF)

Construto endógeno	Preditor	VIF
Desejo de viajar (DV)	Restrição à experiência turística (RET)	1,616
Risco percebido à saúde (RPS)	Restrição à experiência turística (RET)	1,594
Bem-estar subjetivo (BES)	Restrição à experiência turística (RET)	2,318
	Desejo de viajar (DV)	1,940
	Risco percebido à saúde (RPS)	1,191
Intenção de viajar (IV)	Restrição à experiência turística (RET)	1,775
	Desejo de viajar (DV)	2,561
	Bem-estar subjetivo (BES)	1,502
	Risco percebido à saúde (RPS)	1,096

Nota. A multicolinearidade foi avaliada por meio do *Variance Inflation Factor* (VIF) para os construtos preditores de cada variável endógena. Valores de VIF inferiores a 5 – e preferencialmente abaixo de 3 – indicam ausência de colinearidade problemática (Pallant, 2010; Hair et al., 2019). Todos os valores observados atenderam a esses critérios.

Fonte: elaborado pelos autores (2026).

Validade Discriminante

De modo geral, os construtos apresentaram evidências satisfatórias de validade discriminante pelo critério de Fornell e Larcker (1981), conforme apresentado na Tabela 7. Contudo, os construtos *Entretenimento* e *Processo e Estética* exibiram associações limítrofes ($r = 0,824$; $\sqrt{\text{VME_ENT}} = 0,805$; $\sqrt{\text{VME_PROEST}} = 0,796$), resultado que não compromete substancialmente a distinção conceitual entre os construtos.

Tabela 7 - Validade Discriminante – Critério de Fornell e Larcker

Construtos	ENT	EDU	ESC	PROEST	DV	COG	EMO	RPS	IV
ENT	0,805								
EDU	0,732	0,817							
ESC	0,697	0,770	0,703						
PROEST	0,824	0,745	0,735	0,796					
DV	0,565	0,532	0,539	0,534	0,669				
COG	0,121	0,142	0,041	0,137	0,229	0,807			
EMO	0,019	0,121	0,025	0,060	0,211	0,757	0,780		
RPS	0,324	0,448	0,305	0,376	0,342	0,189	0,140	0,671	
IV	0,342	0,509	0,360	0,454	0,271	0,006	0,085	0,641	0,740

Nota: Valores na diagonal representam a raiz quadrada da *Variância Média Extraída* ($\sqrt{VME}$). Os valores fora da diagonal correspondem às correlações entre os construtos.

Fonte: elaborado pelos autores (2026).

Diante do exposto, os resultados da Análise Fatorial Confirmatória indicam que o modelo de mensuração apresenta ajuste global adequado, estrutura fatorial consistente, confiabilidade interna satisfatória e evidências de validade convergente e discriminante, atendendo aos critérios psicométricos recomendados. Dessa forma, o modelo mostrou-se apropriado para a avaliação das relações estruturais propostas.

Modelagem por Equação Estrutural

Após a reespecificação do modelo de mensuração, procedeu-se à avaliação do ajuste global do modelo estrutural. Os resultados indicaram adequação satisfatória aos dados empíricos, conforme apresentado na Tabela 8.

Tabela 8 - Índices de Ajuste do Modelo Estrutural

χ^2 (gl)	χ^2 /gl	CFI	TLI	SRMR	RMSEA (IC 90%)
1311,479	1,47	0,982	0,981	0,065	0,033 (0,029–0,037)

Nota. χ^2 = qui-quadrado; gl = graus de liberdade; CFI = *Comparative Fit Index*; TLI = *Tucker-Lewis Index*; SRMR = *Standardized Root Mean Square Residual*; RMSEA = *Root Mean Square Error of Approximation*.

Fonte: elaborado pelos autores (2026).

A Tabela 9, a seguir, apresenta o modelo de mensuração estimado conjuntamente ao modelo estrutural final. Nessa etapa, os itens RPS_PVSC, DV_PFV e DV_TSDRVV foram removidos do modelo, em razão de cargas fatoriais inferiores aos parâmetros recomendados. Após a reespecificação, os índices obtidos indicaram adequação satisfatória do modelo aos dados observados.

Tabela 9 - Estimativas do Modelo de Mensuração

Variável latente	Indicador	Est.	E.P.	z	p	IC 95% (Inf.–Sup.)	Est. padronizada
RET	ENT	1.000	—	—	—	—	0.865
	EDU	1.460	0.146	9.973	<0.001	1.173 – 1.747	0.881
	ESC	1.324	0.172	7.706	<0.001	0.988 – 1.661	0.817
	PROEST	1.307	0.130	10.047	<0.001	1.052 – 1.562	0.877
ENT	RET_SFNNHC	1.000	—	—	—	—	0.720
	RET_SFNDAT	1.159	0.119	9.714	<0.001	0.925 – 1.392	0.782
	RET_SFNDV	1.364	0.145	9.393	<0.001	1.080 – 1.649	0.846
	RET_SFNE	1.345	0.146	9.230	<0.001	1.059 – 1.630	0.846
EDU	RET_SFSP	1.000	—	—	—	—	0.753
	RET_SFANC	1.093	0.067	16.232	<0.001	0.961 – 1.226	0.884
	RET_SFACN	1.075	0.070	15.445	<0.001	0.939 – 1.212	0.872
	RET_SFMAH	1.029	0.069	14.865	<0.001	0.893 – 1.165	0.800
ESC	RET_SFASSM	1.166	0.072	16.208	<0.001	1.025 – 1.307	0.776
	RET_SFEP	1.000	—	—	—	—	0.601
	RET_SFVNC	0.871	0.091	9.559	<0.001	0.692 – 1.049	0.810
	RET_SFFR	0.941	0.091	10.371	<0.001	0.763 – 1.119	0.651
PROEST	RET_SFAVD	1.000	—	—	—	—	0.812
	RET_SFAAL	1.099	0.053	20.602	<0.001	0.994 – 1.203	0.805
	RET_SFUCHD	1.097	0.056	19.719	<0.001	0.988 – 1.206	0.848
	RET_SFEDSV	1.198	0.077	15.471	<0.001	1.046 – 1.349	0.836
DV	RET_SFPRV	1.226	0.079	15.569	<0.001	1.072 – 1.381	0.834
	RET_SFAADV	1.139	0.078	14.622	<0.001	0.986 – 1.291	0.766
	RET_SFEPV	1.042	0.062	16.731	<0.001	0.920 – 1.164	0.826
	DV_IVFSB	1.000	—	—	—	—	0.658
BES	DV_TFDV	1.238	0.147	8.434	<0.001	0.951 – 1.526	0.652
	DV_PMPV	0.957	0.111	8.600	<0.001	0.739 – 1.175	0.676
	COG	1.000	—	—	—	—	0.940
	EMO	1.048	0.317	3.306	<0.001	0.427 – 1.669	0.721
RPS	RPS_PCVPCSF	1.000	—	—	—	—	0.761
	RPS_PCSRGF	0.925	0.101	9.119	<0.001	0.726 – 1.124	0.662
	RPS_CMMP	0.827	0.117	7.087	<0.001	0.598 – 1.056	0.607
	RPS_RACNED	0.912	0.106	8.599	<0.001	0.704 – 1.120	0.617
IV	IV_CSVPLN	1.000	—	—	—	—	0.454
	IV_EPNVB	1.653	0.405	4.082	<0.001	0.859 – 2.447	0.590
	IV_PVSLP	1.271	0.213	5.978	<0.001	0.854 – 1.687	0.548

Nota. Est. = estimativa não padronizada; E.P. = erro-padrão; IC = intervalo de confiança; Est. padronizada = carga fatorial padronizada.

Fonte: elaborado pelos autores (2026).

A Tabela 10, a seguir, apresenta os coeficientes de regressão do modelo estrutural final, correspondentes às hipóteses testadas.

Tabela 10 - Coeficientes de Regressão do Modelo Estrutural

Desf.	Pred.	Est.	EP	z	p	IC 95% (Inf.-Sup.)	β padronizado	Resultado
BES	RET	-0,092	0,098	-0,942	0,346	-0,284 – 0,100	-0,067	Hipótese não suportada
BES	DV	0,650	0,148	4,386	< .001	0,360 – 0,941	0,310	Hipótese não suportada
BES	RPS	0,091	0,036	2,561	0,010	0,021 – 0,161	0,174	Hipótese não suportada
DV	RET	0,327	0,057	5,721	< .001	0,215 – 0,439	0,498	Hipótese suportada
IV	BES	-0,239	0,088	-2,730	0,006	-0,412 – -0,067	-0,191	Hipótese suportada
IV	DV	0,389	0,213	1,823	0,068	-0,028 – 0,806	0,148	Hipótese não suportada
IV	RPS	0,524	0,122	4,287	< .001	0,285 – 0,764	0,796	Hipótese não suportada
RPS	RET	1,273	0,168	7,558	< .001	0,943 – 1,603	0,485	Hipótese suportada

Fonte: elaborado pelos autores (2026).

Os resultados indicam ausência de relação significativa entre *Restrição à Experiência Turística* (RET) e *Bem-estar Subjetivo* (BES) ($\beta = -0,067$; $p = 0,346$). Em contrapartida, RET apresentou efeitos positivos e significativos sobre *Desejo de Viajar* (DV) ($\beta = 0,498$; $p < 0,001$) e *Risco Percebido à Saúde* (RPS) ($\beta = 0,485$; $p < 0,001$).

O Bem-estar Subjetivo foi positivamente influenciado tanto pelo *Desejo de Viajar* ($\beta = 0,310$; $p < 0,001$) quanto pelo *Risco Percebido à Saúde* ($\beta = 0,174$; $p = 0,010$). Observou-se ainda que o *Bem-estar Subjetivo* exerceu efeito negativo significativo sobre a *Intenção de Viajar* (IV) ($\beta = -0,191$; $p = 0,006$). Por outro lado, a relação entre *Desejo de Viajar* e *Intenção de Viajar* não se mostrou estatisticamente significativa ao nível de 5% ($\beta = 0,148$; $p = 0,068$). O *Risco Percebido à Saúde* apresentou forte efeito positivo sobre a *Intenção de Viajar* ($\beta = 0,796$; $p < 0,001$).

Quanto ao poder explicativo, o modelo explicou 24,8% da variância do *Desejo de Viajar* ($R^2 = 0,248$) e 23,5% da variância do *Risco Percebido à Saúde* ($R^2 = 0,235$), ambos explicados por *Restrição à Experiência Turística*. O *Bem-estar Subjetivo* apresentou 12,5% da variância explicada ($R^2 = 0,125$) por *Desejo de Viajar*, *Risco Percebido à Saúde* e *Restrição à Experiência Turística*. A *Intenção de Viajar* apresentou o maior poder explicativo do modelo, com 66,5% da variância explicada por *Bem-estar Subjetivo*, *Desejo de Viajar* e *Risco Percebido à Saúde* ($R^2 = 0,665$).

DISCUSSÕES DOS RESULTADOS

Restrição à Experiência Turística como Gatilho Psicológico Central

A restrição à experiência turística emergiu como elemento central na reorganização das respostas psicológicas em contexto pandêmico. Mais do que uma limitação da mobilidade, a restrição foi compreendida como experiência subjetiva de privação associada à interrupção de lazer, restauração emocional e autonomia vinculadas à experiência turística (Nyaupane & Andereck, 2008; Aziz & Long, 2021; Hefny, 2023).

Contudo, no contexto da covid-19, essa privação coexistiu com a percepção de ameaça sanitária associada à própria experiência turística. Assim, embora a literatura sugira que restrições prolongadas possam comprometer o bem-estar subjetivo (Chen et al., 2016; Chen et al., 2019; Gao & Kerstetter, 2016), a relação direta entre *Restrição à Experiência Turística* e *Bem-estar Subjetivo* não apresentou significância estatística. Esse resultado sugere que a restrição foi simultaneamente percebida como privação turística e resposta à ameaça sanitária, ampliando o desejo de viajar e a percepção de risco à saúde.

O efeito positivo sobre o desejo de viajar sugere que limitações percebidas à liberdade intensificaram o valor subjetivo atribuído à experiência turística, ampliando desejos relacionados à retomada da mobilidade e da normalidade cotidiana (Brehm, 1966; Irimiás & Mitev, 2021; Yang et al., 2021). Paralelamente, a relação positiva entre restrição e risco percebido à saúde indica que contextos de contenção sanitária ampliaram percepções de vulnerabilidade e insegurança associadas ao deslocamento turístico (Godovykh et al., 2021; Barbieri et al., 2021; Chan et al., 2020).

Logo, os resultados sugerem que a *Restrição à Experiência Turística* assumiu papel mais complexo do que o tradicionalmente atribuído às restrições turísticas, atuando simultaneamente como experiência de privação e amplificação perceptiva do risco.

Desejo de Viajar como Mecanismo Compensatório e não como Sofrimento Psicológico

Embora a literatura aponte que desejos continuamente frustrados possam produzir sofrimento psicológico e redução do bem-estar, o desejo de viajar apresentou efeito positivo sobre o bem-estar subjetivo (Carver & Scheier, 2001; Baumeister & Vohs, 2007; Mitev & Irimiás, 2021). Contudo, o referencial teórico já indicava que a relação entre desejo de viajar e bem-estar poderia assumir caráter ambivalente em contextos de restrição (Lin & Nawijn, 2020; Mitev & Irimiás, 2021; Carver & Scheier, 2001; Brehm, 1966). Nesse sentido, o desejo de viajar parece ter operado menos como expressão de sofrimento e mais como mecanismo de compensação emocional e retomada da normalidade cotidiana (Brehm, 1966).

A própria noção de *travel craving* sugere que a impossibilidade temporária de viajar pode intensificar desejos persistentes associados à antecipação emocional da experiência turística (Irimiás & Mitev, 2021). Ademais, estudos recentes indicam que expectativas de retomada das viagens podem funcionar como mecanismos de compensação psicológica e restauração emocional em contextos prolongados de restrição social (Yang et al., 2021; Foliano et al., 2023; Takizawa et al., 2025).

Esse entendimento é reforçado pela ausência de significância da relação entre desejo de viajar e intenção de viajar, sugerindo que, em contextos de elevada instabilidade sanitária, o desejo operou mais como mecanismo de compensação emocional do que como preditor direto de ação turística.

Risco Percebido à Saúde como Saliência da Ameaça Sanitária

Elevados níveis de risco percebido costumam estar associados à redução de deslocamentos turísticos, intenções de viagem e bem-estar psicológico, especialmente em fases iniciais da pandemia. Contudo, observou-se dinâmica distinta no presente estudo, uma vez que a estrutura multidimensional do risco percebido à saúde, concebida na literatura (Ferrer et al., 2018; Godovykh et al., 2021; Matiza, 2020; Yin & Lui, 2024), não se confirmou empiricamente.

Os resultados sugerem que, em contextos de elevada crise sanitária, diferentes dimensões cognitivas do risco foram absorvidas pela centralidade perceptiva da ameaça, enquanto o risco apresentou efeitos positivos sobre a intenção de viajar e o bem-estar subjetivo, diferentemente do observado em estudos desenvolvidos sobretudo em fases iniciais da pandemia (Benke et al., 2020; Fiorenzato et al., 2021; Chua et al., 2021; Sánchez-Cañizares et al., 2020).

Estudos desenvolvidos em diferentes fases da pandemia ajudam a compreender esse resultado. Em estágios iniciais da crise sanitária, elevados níveis de ameaça percebida estiveram associados à redução da intenção de viajar e à ampliação de comportamentos autoprotetivos (Golets et al., 2020; Chua et al., 2021; Teeroovengadum et al., 2021; Abraham et al., 2020; Zhang et al., 2025).

Contudo, pesquisas conduzidas em contextos pandêmicos prolongados indicam que fatores contextuais, normas sociais, adaptação subjetiva e diferentes perfis de turistas podem modular os efeitos do risco sobre decisões relacionadas à mobilidade (Rahmafitria et al., 2021; Chan, 2021; Jarumaneerat, 2021).

Essa interpretação também contribui para compreender a associação positiva entre risco percebido à saúde e bem-estar subjetivo. Embora a literatura associe ameaças sanitárias prolongadas ao aumento de sofrimento psicológico e à redução da satisfação com a vida (Benke et al., 2020; Bonati et al., 2022; Costa-Font & Vilaplana-Prieto, 2022), estudos recentes identificam processos graduais de adaptação emocional e reorganização subjetiva diante da continuidade da crise sanitária (Dawson & Golijani-Moghaddam, 2020; Paredes et al., 2020; Tuason et al., 2021).

Assim, a percepção da ameaça, progressivamente incorporada ao cotidiano, parece ter reduzido parcialmente seu efeito inibitório sobre decisões relacionadas ao turismo e ao bem-estar subjetivo. Nesse contexto, o risco percebido à saúde deixou de operar apenas como barreira à mobilidade, passando a refletir simultaneamente ameaça, adaptação subjetiva e reorganização comportamental em contextos pandêmicos prolongados (Rahmafitria et al., 2021; Dawson & Golijani-Moghaddam, 2020; Rather et al., 2025).

Intenção de Viajar como Mecanismo de Restauração Subjetiva

Embora experiências turísticas estejam tradicionalmente associadas à restauração emocional e à ampliação do bem-estar subjetivo (McCabe & Johnson, 2013; Chen, Petrick, & Shahvali, 2013; Gao & Kerstetter, 2018; Gao et al., 2024; Shin & Yoon, 2026), observou-se, no contexto pandêmico, relação negativa entre bem-estar subjetivo e intenção de viajar. Esse resultado sugere que maiores níveis de equilíbrio subjetivo não estiveram necessariamente associados à retomada das viagens.

Sob essa perspectiva, a intenção de viajar pareceu operar menos como consequência direta do bem-estar e mais como resposta compensatória diante de desconfortos emocionais intensificados pelo contexto pandêmico (Kim et al., 2021; Yao et al., 2022; McLean et al., 2023). Estudos recentes sobre *compensatory travel* indicam que privação, tédio e restrições prolongadas da mobilidade podem intensificar intenções compensatórias de viagem associadas à restauração emocional e à retomada simbólica da normalidade cotidiana (Lin et al., 2021; Yao et al., 2022; Shin & Yoon, 2026).

Além disso, mecanismos de regulação emocional parecem modular a conversão de risco, desejo e engajamento turístico em intenções comportamentais (Rather et al., 2025; Yepyk et al., 2025). Indivíduos emocionalmente mais regulados podem ter apresentado menor urgência de retomada das viagens, enquanto níveis reduzidos de bem-estar subjetivo intensificaram motivações compensatórias associadas à mobilidade e à recuperação emocional (Kaplan & Kaplan, 1989; Carver & Scheier, 2001; Baumeister & Vohs, 2007). Desse modo, em contextos pandêmicos prolongados, a intenção de viajar pareceu menos associada a elevados níveis de bem-estar subjetivo e mais relacionada a necessidades de compensação emocional, restauração psicológica e retomada simbólica da normalidade cotidiana (Lin & Yang, 2024; Rather et al., 2025; Yepyk et al., 2025).

De forma integrada, os resultados indicam que a pandemia reorganizou mecanismos emocionais, perceptivos e motivacionais associados à experiência turística, tendo a Restrição à Experiência Turística assumido papel estrutural nesse processo (Nyaupane & Andereck, 2008; Aziz & Long, 2021; Hefny, 2023). Nesse contexto, a restrição intensificou simultaneamente desejo de viajar e percepção de risco, enquanto a intenção de viajar passou a refletir necessidades compensatórias de restauração emocional e retomada da normalidade cotidiana (Kim et al., 2021; Lin et al., 2021; Yao et al., 2022).

Os achados sugerem que, em contextos pandêmicos prolongados, desejo, risco, bem-estar e intenção de viajar deixaram de operar exclusivamente sob lógica evitativa, passando também a integrar mecanismos subjetivos de adaptação emocional e reorganização psicossocial da experiência turística.

Assim, os resultados reforçam a necessidade de compreender crises que afetam o turismo não apenas como eventos operacionais ou sanitários, mas como fenômenos subjetivamente experienciados capazes de reorganizar dimensões emocionais, cognitivas e comportamentais da experiência turística (Chen, Petrick, & Shahvali, 2016; Farmaki, 2020; Rokni, 2021).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo teve como objetivo analisar os efeitos da Restrição à Experiência Turística sobre o desejo de viajar, o risco percebido à saúde, o bem-estar subjetivo e a intenção de viajar em contexto pandêmico prolongado (Gössling et al., 2020; Godovykh et al., 2021; Rokni, 2021). De forma geral, os resultados indicam que a restrição à experiência turística assumiu papel central na reorganização de mecanismos emocionais, perceptivos e motivacionais associados à experiência turística (Yang et al., 2021; Foliano et al., 2023; Barbieri et al., 2021).

Os achados sugerem que a Restrição à Experiência Turística não operou apenas como limitação operacional da mobilidade, mas como experiência subjetiva de privação capaz de intensificar simultaneamente desejo de viajar e percepção de risco à saúde. Nesse contexto, a intenção de viajar pareceu menos associada a estados elevados de bem-estar subjetivo e mais vinculada a necessidades compensatórias de restauração emocional e retomada da normalidade cotidiana (Kim et al., 2021; Lin et al., 2021; Yao et al., 2022).

Além disso, relações tradicionalmente compreendidas como predominantemente inibitórias em cenários de crise assumiram dinâmica distinta em contexto pandêmico prolongado, especialmente no caso do risco percebido à saúde e de sua associação com intenção de viajar e bem-estar subjetivo (Golets et al., 2020; Sánchez-Cañizares et al., 2020; Kim & Ha, 2023).

No campo teórico, o estudo contribui ao ampliar discussões sobre restrição à experiência turística, percepção de risco e bem-estar subjetivo, integrando perspectivas do comportamento do consumidor, da psicologia do bem-estar e da percepção de risco em um modelo explicativo único (Uysal et al., 2016; Vada et al., 2020; Han et al., 2022).

Os achados também relativizam interpretações lineares frequentemente presentes na literatura turística, sugerindo que respostas psicológicas associadas ao turismo podem assumir caráter compensatório, adaptativo e contextualmente dependente em cenários prolongados de crise (Irimiás & Mitev, 2021; Mitev & Irimiás, 2021; Matiza & Köchling, 2023; Støre et al., 2025). Ademais, a centralidade do desejo de viajar reforça a relevância de abordagens orientadas por estados motivacionais nas decisões turísticas (Nguyen & Tong, 2022; Kim & Ha, 2023).

No âmbito gerencial, os resultados sugerem que estratégias voltadas exclusivamente à redução objetiva do risco tendem a ser insuficientes em contextos de crise prolongada. A resposta dos turistas parece depender não apenas da ameaça percebida, mas também de mecanismos subjetivos de adaptação, compensação emocional e retomada simbólica da mobilidade (Godovykh et al., 2021; Han et al., 2022; Shin et al., 2021; Rahman et al., 2021).

Nesse sentido, a gestão de destinos e a comunicação turística devem considerar dimensões psicossociais associadas ao risco, ao desejo e ao bem-estar na formulação de estratégias de recuperação e comunicação turística (Chua et al., 2021; Jiang et al., 2022; Liu et al., 2021; Bratić et al., 2021).

Em contextos de restrição prolongada, a intenção de viajar pode assumir caráter aspiracional e compensatório, exigindo equilíbrio entre estímulo ao desejo e comunicação responsável (Kim et al., 2021; Shin et al., 2021; Kim & Ha, 2023; Chan, 2021). Para a gestão pública, os achados reforçam a importância de políticas que reconheçam os efeitos psicossociais das restrições prolongadas e considerem o turismo como dimensão relevante do bem-estar social (McCabe & Johnson, 2013; Uysal et al., 2016; Costa-Font & Vilaplana-Prieto, 2022; Foliano et al., 2023).

O estudo apresenta limitações metodológicas e contextuais que devem ser consideradas na interpretação dos achados. Primeiramente, o delineamento transversal impede inferências causais definitivas entre os construtos. Além disso, o construto “Intenção de Viajar” apresentou baixa confiabilidade interna ($\alpha = 0,547$; $\omega = 0,612$), exigindo cautela na interpretação dos resultados associados a essa variável.

Também não houve sustentação empírica da estrutura multidimensional do “Risco Percebido à Saúde”, uma vez que itens relacionados às dimensões de controle e conhecimento precisaram ser excluídos devido às baixas cargas fatoriais, reduzindo o construto a uma estrutura unifatorial predominantemente associada à ameaça (Ferrer et al., 2018; Godovykh et al., 2021; Rokni, 2021; Yin & Lui, 2024).

Adicionalmente, o modelo apresentou baixo poder explicativo para o Bem-Estar Subjetivo ($R^2 = 0,125$), sugerindo que variáveis externas não incluídas no estudo possuem maior relevância para a explicação desse fenômeno (Farmaki, 2020; Rokni, 2021; Gössling et al., 2020; Xiong & Tang, 2023). Por fim, os resultados refletem um contexto pandêmico específico, marcado por restrições prolongadas e elevada percepção de risco, o que limita sua generalização para cenários de normalização do turismo.

Como agenda futura, recomenda-se o desenvolvimento de estudos longitudinais capazes de examinar mudanças temporais nas relações entre restrição, risco, bem-estar e intenção de viajar (Lin & Nawijn, 2020; Yang et al., 2021; Chan, 2021; Han et al., 2022).

Sugere-se também a validação multidimensional dos construtos Restrição à Experiência Turística e Risco Percebido à Saúde em diferentes contextos de crise, contemplando componentes cognitivos, afetivos e experienciais do risco percebido (Ferrer et al., 2018; Godovykh et al., 2021; Yin & Lui, 2024; Zhang et al., 2025).

REFERÊNCIAS

- Abraham, V., Bremser, K., Carreño, M., Crowley-Cyr, L., & Moreno, M. (2020). Exploring the consequences of COVID-19 on tourist behaviors: perceived travel risk, animosity and intentions to travel. *Tourism Review*. <https://doi.org/10.1108/tr-07-2020-0344>
- Airak, S., Sukor, N. S. A., & Rahman, N. A. (2023). Travel behaviour changes and risk perception during COVID-19: A case study of Malaysia. *Transportation Research Interdisciplinary Perspectives*, 18, 100784. <https://doi.org/10.1016/j.trip.2023.100784>
- Andriola, W. B., & Cavalcante, L. R. (1999). Avaliação da depressão infantil em alunos da pré-escola. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 12(2), 419-428. <https://doi.org/10.1590/S0102-79721999000200011>
- Aragónés, J. I., Talayero, F., & Olivos, P. (2010). Percepción del riesgo de la gripe A (H1N1) desde el “paradigma psicométrico”. *Revista de Psicología Social*, 25(3), 271-282. <https://doi.org/10.1174/021347410792675633>

- Avecillas-Torres, I., Herrera-Puente, S., Galarza-Cordero, M., Coello-Nieto, F., Farfán-Pacheco, K., Alvarado-Vanegas, B., Ordóñez-Ordóñez, S., & Espinoza-Figueroa, F. (2025). Nature tourism and mental well-being: Insights from a controlled context on reducing depression, anxiety, and stress. *Sustainability*, 17(2), 654. <https://doi.org/10.3390/su17020654>
- Aziz, N., & Long, F. (2021). To travel, or not to travel? The impacts of travel constraints and perceived travel risk on travel intention among Malaysian tourists amid the COVID-19. *Journal of Consumer Behaviour*, 21, 352-362. <https://doi.org/10.1002/cb.2008>
- Babbie, E. (2003). *Metodologia survey*. da UFMG.
- Barbieri, D., Lou, B., Passavanti, M., Hui, C., Hoff, I., Lessa, D., Sikka, G., Chang, K., Gupta, A., Fang, K., Banerjee, A., Maharaj, B., Lam, L., Ghasemi, N., Naik, B., Wang, F., Mirhosseini, A., Naseri, S., Liu, Z., Qiao, Y., Tucker, A., Wijayarathna, K., Peprah, P., Adomako, S., Yu, L., Goswami, S., Chen, H., Shu, B., Hessami, A., Abbas, M., Agarwal, N., & Rashidi, T. (2021). Impact of COVID-19 pandemic on mobility in ten countries and associated perceived risk for all transport modes. *PLoS ONE*, 16. <https://doi.org/10.1371/journal.pone.0245886>
- Barbhuiya, M., & Chatterjee, D. (2020). Vulnerability and resilience of the tourism sector in India: Effects of natural disasters and internal conflict. *Tourism Management Perspectives*, 33, 100616. <https://doi.org/10.1016/j.tmp.2019.100616>
- Baumeister, R. F., & Vohs, K. D. (2007). Self-regulation, ego depletion, and motivation. *Social and Personality Psychology Compass*, 1(1), 115-128. <https://doi.org/10.1111/j.1751-9004.2007.00001.x>
- Benke, C., Autenrieth, L., Asselmann, E., & Pané-Farré, C. (2020). Lockdown, quarantine measures, and social distancing: Associations with depression, anxiety and distress at the beginning of the COVID-19 pandemic among adults from Germany. *Psychiatry Research*, 293, 113462 - 113462. <https://doi.org/10.1016/j.psychres.2020.113462>
- Bratić, M., Radivojević, A., Stojiljković, N., Simović, O., Juvan, E., Lesjak, M., & Podovševnik, E. (2021). Should I stay or should I go? Tourists' COVID-19 risk perception and vacation behavior shift. *Sustainability*, 13(6), 3573. <https://doi.org/10.3390/su13063573>
- Brehm, J. W. (1966). *A Theory of Psychological Reactance*. New York: Academic Press.
- Bonati, M., Campi, R., & Segre, G. (2022). Psychological impact of the quarantine during the COVID-19 pandemic on the general European adult population: a systematic review of the evidence. *Epidemiology and Psychiatric Sciences*, 31. <https://doi.org/10.1017/s2045796022000051>
- Buckley, R. (2020). Nature tourism and mental health: Parks, happiness, and causation. *Journal of Sustainable Tourism*, 28(9), 1409-1424. <https://doi.org/10.1080/09669582.2020.1742725>
- Cao, J., Zhang, J., Wang, C., Hu, H., & Yu, P. (2020). How Far Is the Ideal Destination? Distance Desire, Ways to Explore the Antinomy of Distance Effects in Tourist Destination Choice. *Journal of Travel Research*, 59, 614-630. <https://doi.org/10.1177/0047287519844832>
- Carver, C. S., & Scheier, M. F. (2001). *On the self-regulation of behavior*. Cambridge University Press.
- Cifelli, G. (2022). Efeitos da pandemia de Covid-19 na dinâmica territorial do turismo nos municípios paulistas de relevância patrimonial. *GEOUSP Espaço e Tempo* (Online). <https://doi.org/10.11606/issn.2179-0892.geousp.2022.200971>
- Ciriaco, T., Pitombo, C., & Assirati, L. (2023). Travel behavior and activity resilience regarding the COVID-19 pandemic in Brazil: An approach based on smartphone panel data. *Case Studies on Transport Policy*, 12, 100998. <https://doi.org/10.1016/j.cstp.2023.100998>
- Chan, C. S. (2021). Developing a conceptual model for the post-COVID-19 pandemic changing tourism risk perception. *International Journal of Environmental Research and Public Health*, 18(18), 9824. <https://doi.org/10.3390/ijerph18189824>
- Chan, H., Torgler, B., Skali, A., Stadelmann, D., & Savage, D. (2020). Risk attitudes and human mobility during the COVID-19 pandemic. *Scientific Reports*, 10. <https://doi.org/10.1038/s41598-020-76763-2>
- Chen, C., Petrick, J., & Shahvali, M. (2016). Tourism Experiences as a Stress Reliever. *Journal of Travel Research*, 55, 150 - 160. <https://doi.org/10.1177/0047287514546223>
- Chen, C., Zou, S., & Petrick, J. (2019). Is Travel and Tourism a Priority for You? A Comparative Study of American and Taiwanese Residents. *Journal of Travel Research*, 58, 650 - 665. <https://doi.org/10.1177/0047287518771211>
- Chen, T., Guo, C., Pai, C., & Long, Z. (2025). Influencing factors of tourists' travel anxiety and the relationship with travel resilience. *International Journal of Tourism Research*. <https://doi.org/10.1002/jtr.70085>
- Chua, B., Al-Ansi, A., Lee, M. J., & Han, H. (2021). Impact of health risk perception on avoidance of international travel in the wake of a pandemic. *Current Issues in Tourism*, 24(7), 985-1002. <https://doi.org/10.1080/13683500.2020.1829570>
- Costa-Font, J., & Vilaplana-Prieto, C. (2022). Risky restrictions? Mobility restriction effects on risk awareness and anxiety. *Health Policy (Amsterdam, Netherlands)*, 126, 1090 - 1102. <https://doi.org/10.1016/j.healthpol.2022.08.009>
- Damásio, B. F. (2012). Uso da análise fatorial exploratória em psicologia. *Avaliação Psicológica: Interamerican Journal of Psychological Assessment*, 11(2), 213-228.
- Dawson, D. L., & Golijani-Moghaddam, N. (2020). COVID-19: Psychological flexibility, coping, mental health, and wellbeing in the UK during the pandemic. *Journal of Contextual Behavioral Science*, 17, 126-134. <https://doi.org/10.1016/j.jcbs.2020.07.010>
- DiStefano, C., & Morgan, G. B. (2014). A comparison of diagonal weighted least squares robust estimation techniques for ordinal data. *Structural Equation Modeling: a multidisciplinary journal*, 21(3), 425-438. <https://doi.org/10.1080/10705511.2014.915373>
- Farmaki, A. (2020). Memory and forgetfulness in tourism crisis research. *Tourism Management*, 83, 104210. <https://doi.org/10.1016/j.tourman.2020.104210>
- Ferrer, R., Klein, W., Avishai, A., Jones, K., Villegas, M., & Sheeran, P. (2018). When does risk perception predict protection motivation for health threats? A person-by-situation analysis. *PLoS ONE*, 13. <https://doi.org/10.1371/journal.pone.0191994>
- Fiorenzato, E., Zabberoni, S., Costa, A., & Cona, G. (2021). Cognitive and mental health changes and their vulnerability factors related to COVID-19 lockdown in Italy. *PLoS ONE*, 16. <https://doi.org/10.1371/journal.pone.0246204>

- Foliano, F., Tonei, V., & Sevilla, A. (2023). Social Restrictions, Leisure and Well-being. *Labour Economics*. <https://doi.org/10.1016/j.labeco.2023.102485>
- Fornell, C., & Larcker, D. (1981). Structural equation modeling and regression: guidelines for research practice. *Journal of marketing research*, 18(1), 39-50.
- Gao, J., & Kerstetter, D. (2016). Using an intersectionality perspective to uncover older Chinese female's perceived travel constraints and negotiation strategies. *Tourism Management*, 57, 128-138. <https://doi.org/10.1016/j.tourman.2016.06.001>
- Gao, J., Kerstetter, D., & Wang, T. (2024). The impact of vacations on urban women's well-being from the perspective of feminist urbanism. *Tourism Management*. <https://doi.org/10.1016/j.tourman.2024.105006>
- Gao, J., & Kerstetter, D. (2018). From sad to happy to happier: Emotion regulation strategies used during a vacation. *Annals of Tourism Research*, 69, 1-14. <https://doi.org/10.1016/j.annals.2017.12.004>
- Gao, Q., Liu, Y., Ayub, B., & Hussain, M. (2022). Does health crises affect tourism? Role of financial inclusion for green financial development. *Frontiers in Public Health*, 10, 896894. <https://doi.org/10.3389/fpubh.2022.896894>
- Gao*, F., Huang, P., & Chen, C. (2025). 20 The Intervention Effect Of Tourism Activities On The Social Function Recovery Of Patients With Schizophrenia. *Schizophrenia Bulletin*. <https://doi.org/10.1093/schbul/sbaf007.020>
- Godovykh, M., Pizam, A., & Bahja, F. (2021). Antecedents and outcomes of health risk perceptions in tourism, following the COVID-19 pandemic. *Tourism Review*. <https://doi.org/10.1108/tr-06-2020-0257>
- Golets, A., Farias, J., Pilati, R., & Costa, H. (2020). COVID-19 pandemic and tourism: The impact of health risk perception and intolerance of uncertainty on travel intentions. *Current Psychology*, 42, 2500-2513. <https://doi.org/10.1007/s12144-021-02282-6>
- Gouveia, V. V., Barbosa, G. A., Almeida, H., & Gaião, A. D. A. (1995). Children's depression inventory-CDI: adaptation study with students of João Pessoa. *J Bras Psiq*, 44(7), 345-9.
- Gössling, S., Scott, D., & Hall, C. M. (2020). Pandemics, tourism and global change: A rapid assessment of COVID-19. *Journal of Sustainable Tourism*, 29(1), 1-20. <https://doi.org/10.1080/09669582.2020.1758708>
- Hanafiah, M. H., Zain, N. A. M., Azinuddin, M., & Shariffuddin, N. S. (2021). I'm afraid to travel! Investigating the effect of perceived health risk on Malaysian travellers' post-pandemic perception and future travel intention. *Journal of Tourism Futures*. <https://doi.org/10.1108/JTF-10-2021-0235>
- Han, S., Yoon, A., Kim, M., & Yoon, J. (2022). What influences tourist behaviors during and after the COVID-19 pandemic? Focusing on theories of risk, coping, and resilience. *Journal of Hospitality and Tourism Management*, 50, 355-365. <https://doi.org/10.1016/j.jhtm.2022.02.024>
- Hair, Joseph F. et al. *Análise multivariada de dados*. Bookman editora, 2009.
- Hair Jr, J. F., da Silva Gabriel, M. L. D., & Patel, V. K. (2014). Modelagem de Equações Estruturais Baseada em Covariância (CB-SEM) com o AMOS: Orientações sobre a sua aplicação como uma Ferramenta de Pesquisa de Marketing. *REMark-Revista Brasileira de Marketing*, 13(2), 44-55. <https://doi.org/10.5585/remark.v13i2.2718>
- Hair, J. F., Risher, J. J., Sarstedt, M., & Ringle, C. M. (2019). When to use and how to report the results of PLS-SEM. *European business review*, 31(1), 2-24. <https://doi.org/10.1108/EBR-11-2018-0203>
- Hair, J., & Alamer, A. (2022). Partial Least Squares Structural Equation Modeling (PLS-SEM) in second language and education research: Guidelines using an applied example. *Research methods in applied linguistics*, 1(3), 100027. <https://doi.org/10.1016/j.rmal.2022.100027>
- Hakim, M., Zanetta, L., & Da Cunha, D. (2021). Should I stay, or should I go? Consumers' perceived risk and intention to visit restaurants during the COVID-19 pandemic in Brazil. *Food Research International (Ottawa, Ont.)*, 141, 110152. <https://doi.org/10.1016/j.foodres.2021.110152>
- Hefny, L. (2023). For accessible tourism experience: Exploring the blog sphere of people with disabilities. *Advances in Hospitality and Tourism Research (AHTR)*. <https://doi.org/10.30519/ahtr.1283500>
- Hotle, S., Murray-Tuite, P., & Singh, K. (2020). Influenza risk perception and travel-related health protection behavior in the US: Insights for the aftermath of the COVID-19 outbreak. *Transportation Research Interdisciplinary Perspectives*, 5, 100127 - 100127. <https://doi.org/10.1016/j.trp.2020.100127>
- Hu, F., Wen, J., Zheng, D., Jiang, Y., Hou, H., & Wang, W. (2024). Rethinking perceived constraints for people with chronic diseases: Developing and validating a scale for tourists with mild dementia. *Tourism Management*. <https://doi.org/10.1016/j.tourman.2024.105082>
- Humagain, P., & Singleton, P. (2021). Exploring tourists' motivations, constraints, and negotiations regarding outdoor recreation trips during COVID-19 through a focus group study. *Journal of Outdoor Recreation and Tourism*, 36, 100447. <https://doi.org/10.1016/j.jort.2021.100447>
- Irimiás, A., & Mitev, A. (2021). Tourists as caged birds: Elaborating travel thoughts and craving when feeling captive. *Journal of Travel Research*, 62(1), 91-104. <https://doi.org/10.1177/00472875211056684>
- Jarumaneerat, T. (2021). Segmenting international tourists based on the integration of travel risk perceptions and past travel experience. *Journal of Quality Assurance in Hospitality & Tourism*, 23, 508-538. <https://doi.org/10.1080/1528008x.2021.1891596>
- Jin, X., Qu, M., & Bao, J. (2019). Impact of crisis events on Chinese outbound tourist flow: A framework for post-events growth. *Tourism Management*, 74, 334-344. <https://doi.org/10.1016/j.tourman.2019.04.011>
- Jiang, X., Qin, J., Gao, J., & Gossage, M. (2022). The mediation of perceived risk's impact on destination image and travel intention: An empirical study of Chengdu, China during COVID-19. *PLOS ONE*, 17(1), e0261851. <https://doi.org/10.1371/journal.pone.0261851>
- Joo, D., Xu, W., Lee, J., Lee, C. K., & Woosnam, K. M. (2021). Residents' perceived risk, emotional solidarity, and support for tourism amidst the COVID-19 pandemic. *Journal of Destination Marketing & Management*, 19, 100553. <https://doi.org/10.1016/j.jdmm.2021.100553>
- Jepson, A., Stadler, R., & Spencer, N. (2019). Making positive family memories together and improving quality of life through thick sociality and bonding at local community festivals and events. *Tourism Management*, 75, 34-50. <https://doi.org/10.1016/j.tourman.2019.05.001>

- Jordan, E., Spencer, D., & Prayag, G. (2019). Tourism impacts, emotions and stress. *Annals of Tourism Research*, 75, 213–226. <https://doi.org/10.1016/j.annals.2019.01.011>
- Kaplan, R., & Kaplan, S. (1989). *The experience of nature: A psychological perspective*. Cambridge University Press.
- Kim, E., Seo, K., & Choi, Y. (2021). Compensatory travel post COVID-19: Cognitive and emotional effects of risk perception. *Journal of Travel Research*, 61(8), 1895–1909. <https://doi.org/10.1177/00472875211048930>
- Kim, T., & Ha, J. (2023). Applying a Goal-Directed Behavior Model to Determine Risk Perception of COVID-19 and War on Potential Travelers' Behavioral Intentions. *International Journal of Environmental Research and Public Health*, 20. <https://doi.org/10.3390/ijerph20032562>
- Khalid, U., Okafor, L., & Shafullah, M. (2020). The effects of economic and financial crises on international tourist flows: A cross-country analysis. *Journal of Travel Research*, 59(2), 315–334. <https://doi.org/10.1177/0047287519834360>
- Kline, R. B. (2023). *Principles and practice of structural equation modeling*. Guilford publications.
- Knobloch, U., Robertson, K., & Aitken, R. (2017). Experience, emotion, and eudaimonia: A consideration of tourist experiences and well-being. *Journal of Travel Research*, 56(5), 651–662. <https://doi.org/10.1177/0047287516650937>
- Kruczek, Z., Szromek, A. R., Jodłowski, M., Gmyrek, K., & Nowak, K. (2023). Visiting national parks during the COVID-19 pandemic: An example of social adaptation of tourists in the perspective of creating social innovations. *Journal of Open Innovation: Technology, Market, and Complexity*, 9(2), 100062. <https://doi.org/10.1016/j.joitmc.2023.100062>
- Li, Z., Zhang, S., Liu, X., Kozak, M., & Wen, J. (2020). Seeing the invisible hand: Underlying effects of COVID-19 on tourists' behavioral patterns. *Journal of Destination Marketing & Management*, 18, 100502. <https://doi.org/10.1016/j.jdmm.2020.100502>
- Lin, G., & Li, M. (2024). Animal psychotherapist: The potential impacts of animal-based tourism on mental health. *Tourism Management*, 99, 104959. <https://doi.org/10.1016/j.tourman.2024.104959>
- Lin, G., Li, M., Li, B., & Meng, Y. (2024). A healing journey with animals. *Journal of Hospitality and Tourism Management*, 58, 203–213. <https://doi.org/10.1016/j.jhtm.2024.07.006>
- Lin, Y., & Yang, Y. (2024). Understanding tourist restoration: An integrated framework from the perspective of environmental change. *Asia Pacific Journal of Tourism Research*, 29, 144–160. <https://doi.org/10.1080/10941665.2024.2316591>
- Lin, L., Yu, M., Choi, H., & Lee, H. (2025). Exploring the psychological benefits of value co-creation in tourism: Enhancing hedonic and eudaimonic well-being through empowerment, social connectedness, and positive emotions. *Journal of Vacation Marketing*. <https://doi.org/10.1177/13567667251320111>
- Lin, Z., Wong, I. A., Kou, I. E., & Zhen, X. (2021). Inducing wellbeing through staycation programs in the midst of the COVID-19 crisis. *Tourism Management Perspectives*, 40, 100907. <https://doi.org/10.1016/j.tmp.2021.100907>
- Lin, Y., & Nawijn, J. (2020). The impact of travel motivation on emotions: A longitudinal study. *Journal of Destination Marketing and Management*, 16, 100363. <https://doi.org/10.1016/j.jdmm.2019.05.006>
- Liu, L., Zhou, Y., & Sun, X. (2023). The impact of the wellness tourism experience on tourist well-being: The mediating role of tourist satisfaction. *Sustainability*, 15(3), 1872. <https://doi.org/10.3390/su15031872>
- Liu, H., Xu, S., Chen, Z., & Hou, Y. (2023). The impact of social distancing on tourists' preferences for anthropomorphism. *Journal of Hospitality and Tourism Management*, 55, 383–398. <https://doi.org/10.1016/j.jhtm.2023.05.002>
- Liu, Y., Shi, H., Li, Y., & Amin, A. (2021). Factors influencing Chinese residents' post-pandemic outbound travel intentions: An extended theory of planned behavior model based on the perception of COVID-19. *Tourism Review*. <https://doi.org/10.1108/TR-09-2020-0458>
- Lyubomirsky, S., & Lepper, H. S. (1999). A measure of subjective happiness: Preliminary reliability and construct validation. *Social indicators research*, 46(2), 137–155. <https://doi.org/10.1023/A:1006824100041>
- Matiza, T., & Köchling, A. (2023). The object of my desire! Exploring the antecedents of long-haul travel intentions in an era of uncertainty. *Tourism Recreation Research*, 50, 588–604. <https://doi.org/10.1080/02508281.2023.2288384>
- Matiza, T. (2020). Post-COVID-19 crisis travel behaviour: Towards mitigating the effects of perceived risk. *Journal of Tourism Futures*. <https://doi.org/10.1108/jtf-04-2020-0063>
- Mækelæ, M., Reggev, N., Dutra, N., Tamayo, R., Silva-Sobrinho, R., Klevjer, K., & Pfuhl, G. (2020). Perceived efficacy of COVID-19 restrictions, reactions and their impact on mental health during the early phase of the outbreak in six countries. *Royal Society Open Science*, 7. <https://doi.org/10.1098/rsos.200644>
- McCabe, S., & Johnson, S. (2013). The happiness factor in tourism: Subjective well-being and social tourism. *Annals of Tourism Research*, 41, 42–65. <https://doi.org/10.1016/j.annals.2012.12.001>
- Mckercher, B., & Darcy, S. (2018). Re-conceptualizing barriers to travel by people with disabilities. *Tourism Management Perspectives*, 26, 59–66. <https://doi.org/10.1016/j.tmp.2018.01.003>
- McLean, G., Alyahya, M., Barhorst, J., & Osei-Frimpong, K. (2023). Examining the influence of virtual reality tourism on consumers' subjective wellbeing. *Tourism Management Perspectives*, 46, 101088. <https://doi.org/10.1016/j.tmp.2023.101088>
- Melian, A. (2025). Inclusive Tourism: Exploring Tourism Constraints from a Text-mining Approach. *Global Conference on Business and Social Sciences Proceeding*. [https://doi.org/10.35609/gcbssproceeding.2025.1\(7\)](https://doi.org/10.35609/gcbssproceeding.2025.1(7))
- Mitev, A. Z., & Irimiás, A. (2021). Travel craving. *Annals of Tourism Research*, 88, 103111. <https://doi.org/10.1016/j.annals.2020.103111>
- Muthén, L. K., & Muthén, B. O. (2017). *Mplus: Statistical Analysis with Latent Variables: User's Guide (Version 8)*. Los Angeles, CA: Authors.

- Nigg, J., Plaikner, A., Peters, M., & Haid, M. (2024). Leisure constraints towards accessible tourism: Self-characteristics of people with disability along tourism value chains. *Current Issues in Tourism*, 28, 3031-3045. <https://doi.org/10.1080/13683500.2024.2394965>
- Nyaupane, G., & Andereck, K. (2008). Understanding travel constraints: Application and extension of a leisure constraints model. *Journal of Travel Research*, 46, 433-439. <https://doi.org/10.1177/0047287507308325>
- Nguyen, T., & Tong, S. (2022). The impact of user-generated content on intention to select a travel destination. *Journal of Marketing Analytics*, 1 - 15. <https://doi.org/10.1057/s41270-022-00174-7>
- Oliveira, W., Da Fonseca, I., & Júnior, S. (2023). Turismo e covid-19: a intenção de viagem do consumidor de turismo para o ano de 2021 e 2022. *PASOS. Revista de Turismo y Patrimonio Cultural*. <https://doi.org/10.25145/j.pasos.2023.21.008>
- Pallant, J. F. (2010). *Manual: a step by step guide to data analysis using SPSS*.
- Paredes, M. R., Apaolaza, V., Fernández-Robin, C., Hartmann, P., & Yáñez-Martínez, D. (2020). The impact of the COVID-19 pandemic on subjective mental well-being: The interplay of perceived threat, future anxiety and resilience. *Personality and Individual Differences*, 170, 110455. <https://doi.org/10.1016/j.paid.2020.110455>
- Peng, C., Zou, Y., & Jin, D. (2025). Wellness tourism healing: A systematic review unveiling how cultural symbolic experiences influence health recovery. *Tourism Review*. <https://doi.org/10.1108/TR-10-2024-0918>
- Perić, G., Dramićanin, S., & Conić, M. (2021). The impact of Serbian tourists' risk perception on their travel intentions during the COVID-19 pandemic. *European Journal of Tourism Research*, 27, 2705. <https://doi.org/10.54055/ejtr.v27i.2125>
- Pezzi, E., & Vianna, S. L. G. (2015). A Experiência Turística e o Turismo de Experiência: um estudo sobre as dimensões da experiência memorável. *Revista Turismo em análise*, 26(1), 165-187.
- Podlesek, A., Komidar, L., & Kavcic, V. (2021). The Relationship Between Perceived Stress and Subjective Cognitive Decline During the COVID-19 Epidemic. *Frontiers in Psychology*, 12. <https://doi.org/10.3389/fpsyg.2021.647971>
- Rahman, M., Gazi, M. A. I., Bhuiyan, M. A. H., & Rahaman, M. M. (2021). Effect of COVID-19 pandemic on tourist travel risk and management perceptions. *PLOS ONE*, 16(9), e0256486. <https://doi.org/10.1371/journal.pone.0256486>
- Rahmafritra, F., Suryadi, K., Oktadiana, H., Putro, H., & Rosyidie, A. (2021). Applying knowledge, social concern and perceived risk in planned behavior theory for tourism in the Covid-19 pandemic. *Tourism Review*, 20. <https://doi.org/10.1108/tr-11-2020-0542>
- Rather, R., Hollebeek, L., Wait, M., & Khan, I. (2025). Tourists' perceived travel risk, desire to travel, travel engagement, and subjective wellbeing: The moderating role of emotion regulation. *Current Issues in Tourism*, 29, 633-653. <https://doi.org/10.1080/13683500.2024.2435420>
- Ringle, C. M., Da Silva, D., & de Souza Bido, D. (2014). Modelagem de equações estruturais com utilização do SmartPLS. *REMark-Revista Brasileira de Marketing*, 13(2), 56-73. <https://doi.org/10.5585/remark.v13i2.2717>
- Rokni, L. (2021). The psychological consequences of COVID-19 pandemic in tourism sector: A systematic review. *Iranian Journal of Public Health*, 50(9), 1743-1756. <https://doi.org/10.18502/ijph.v50i9.7045>
- Rosselló, J., Becken, S., & Santana-Gallego, M. (2020). The effects of natural disasters on international tourism: A global analysis. *Tourism Management*, 79, 104080. <https://doi.org/10.1016/j.tourman.2020.104080>
- Sánchez-Cañizares, S., Cabeza-Ramírez, L. J., Muñoz-Fernández, G., & Fuentes-García, F. (2020). Impact of the perceived risk from COVID-19 on intention to travel. *Current Issues in Tourism*, 24(7), 970-984. <https://doi.org/10.1080/13683500.2020.1829571>
- Santos, R. C. D., Costa, C. S. R., Costa, M. F. D., & França, K. D. L. D. (2024). Risk and consumer fear of visiting tourist destinations in Brazil during the COVID-19 pandemic. *International Journal of Tourism Policy*, 14(1), 54-69. <https://doi.org/10.1504/IJTP.2024.135432>
- Seyfi, S., Hall, M., Saarinen, J., Zaman, M., & Vo-Thanh, T. (2024). Identifying constraints on Gen Z's path toward ethical tourism consumption and practices. *Journal of Sustainable Tourism*, 33, 1216-1234. <https://doi.org/10.1080/09669582.2024.2418967>
- Shin, H., Nicolau, J. L., Kang, J., Sharma, A., & Lee, H. (2021). Travel decision determinants during and after COVID-19: The role of tourist trust, travel constraints, and attitudinal factors. *Tourism Management*, 88, 104428. <https://doi.org/10.1016/j.tourman.2021.104428>
- Shin, K.-H., & Yoon, B. (2026). A structural analysis of the link between tourism experience quality, subjective well-being, and behavioral intention. *Culinary Science & Hospitality Research*. <https://doi.org/10.20878/cshr.2025.32.1.002>
- Sio-Chong, U., & So, Y. (2020). The impacts of financial and non-financial crises on tourism: Evidence from Macao and Hong Kong. *Tourism Management Perspectives*, 33, 100628. <https://doi.org/10.1016/j.tmp.2019.100628>
- Silva, D., De Paula Censi Borges, V., & John, E. (2022). Análise netnográfica dos impactos do COVID-19 no turismo do Brasil. *PASOS. Revista de Turismo y Patrimonio Cultural*. <https://doi.org/10.25145/j.pasos.2022.20.042>
- Støre, S., Friman, M., & Olsson, L. (2025). The travel-hope framework: bridging hope, travel, and well-being. *Transport Reviews*. <https://doi.org/10.1080/01441647.2025.2487075>
- Takizawa, T., Parady, G., & Takami, K. (2025). Quantifying the Effect of Mobility-restricting Policy Stringency on Leisure Outings in the Greater Tokyo Area. *Findings*. <https://doi.org/10.32866/001c.137209>
- Teeroovengadum, V., Seetanah, B., Bindah, E. V., Pooloo, A., & Veerasawmy, I. (2021). Minimising perceived travel risk in the aftermath of the COVID-19 pandemic to boost travel and tourism. *Tourism Review*. <https://doi.org/10.1108/tr-05-2020-0195>
- Tomczewska-Popowycz, N., & Quirini-Popławski, L. (2021). Political instability equals the collapse of tourism in Ukraine? *Sustainability*, 13(8), 4126. <https://doi.org/10.3390/su13084126>
- Tuason, M., Güss, C. D., & Boyd, L. (2021). Thriving during COVID-19: Predictors of psychological well-being and ways of coping. *PLoS ONE*, 16. <https://doi.org/10.1371/journal.pone.0248591>

- Uysal, M., Sirgy, M. J., Woo, E., & Kim, H. (2016). Quality of life (QOL) and well-being research in tourism. *Tourism Management*, 53, 244–261. <https://doi.org/10.1016/j.tourman.2015.07.013>
- Vada, S., Prentice, C., Scott, N., & Hsiao, A. (2020). Positive psychology and tourist well-being: A systematic literature review. *Tourism Management Perspectives*, 33, 100631. <https://doi.org/10.1016/j.tmp.2019.100631>
- Valentini, F., & Damásio, B. F. (2016). Variância média extraída e confiabilidade composta: indicadores de precisão. *Psicologia: teoria e pesquisa*, 32, e322225. <https://doi.org/10.1590/0102-3772e322225>
- Veit, C. T., & Ware, J. E. (1983). The structure of psychological distress and well-being in general populations. *Journal of consulting and clinical psychology*, 51(5), 730. <https://psycnet.apa.org/doi/10.1037/0022-006X.51.5.730>
- Vento, E., Tammi, T., McCabe, S., & Komppula, R. (2020). Re-evaluating well-being outcomes of social tourism: Evidence from Finland. *Annals of Tourism Research*, 85, 103085. <https://doi.org/10.1016/j.annals.2020.103085>
- Xiong, Y., & Tang, X. (2023). Tourism during health disasters: Exploring the role of health system quality, transport infrastructure, and environmental expenditures in the revival of the global tourism industry. *PLOS ONE*, 18, e0290252. <https://doi.org/10.1371/journal.pone.0290252>
- Yao, Y., Zhao, X., Ren, L., & Jia, G. (2022). Compensatory travel in the post COVID-19 pandemic era: How does boredom stimulate intentions? *Journal of Hospitality and Tourism Management*, 54, 56-64. <https://doi.org/10.1016/j.jhtm.2022.12.003>
- Yang, F., & Wong, I. A. (2020). The social crisis aftermath: Tourist well-being during the COVID-19 outbreak. *Journal of Sustainable Tourism*, 29(6), 859–878. <https://doi.org/10.1080/09669582.2020.1843047>
- Yang, Y., Cao, M., Cheng, L., Zhai, K., Zhao, X., & De Vos, J. (2021). Exploring the relationship between the COVID-19 pandemic and changes in travel behaviour: A qualitative study. *Transportation Research Interdisciplinary Perspectives*, 11, 100450. <https://doi.org/10.1016/j.trip.2021.100450>
- Yepyk, L., Hryndii, O., & Symonenko, O. (2025). Mechanisms of psycho-emotional recovery of personality in the context of natural and recreational practices and restorative tourism. *Social Development: Economic and Legal Issues*. <https://doi.org/10.70651/3083-6018/2025.10.10>
- Yin, J., & Lui, J. (2024). Factors influencing risk perception during Public Health Emergencies of International Concern (PHEIC): a scoping review. *BMC Public Health*, 24. <https://doi.org/10.1186/s12889-024-18832-z>
- Zhang, C., Wang, L., & Rickly, J. (2021). Non-interaction and identity change in COVID-19 tourism. *Annals of Tourism Research*, 89, 103211. <https://doi.org/10.1016/j.annals.2021.103211>
- Zhang, F., Cheng, Q., Lv, Y., & Li, N. (2025). Risk perception, travel intentions and self-protective behavior of chronically ill tourists under the protection motivation perspective. *Scientific Reports*, 15. <https://doi.org/10.1038/s41598-025-90410-8>
- Zheng, C., Zhang, J., Zhang, H., & Qian, L. (2017). Exploring sub-dimensions of intrapersonal constraints to visiting “dark tourism” sites: A comparison of participants and non-participants. *Asia Pacific Journal of Tourism Research*, 22, 21-33. <https://doi.org/10.1080/10941665.2016.1175489>

CONTRIBUIÇÃO DOS AUTORES

Eduardo Teixeira Magalhães: Conceituação; Curadoria de dados; Análise formal; Investigação; Metodologia; Administração do projeto; Software; Validação; Visualização; Redação – rascunho original; Redação – revisão e edição.

Marlusa de Sevilha Gosling: Conceituação; Metodologia; Recursos; Supervisão; Validação; Redação – revisão e edição.